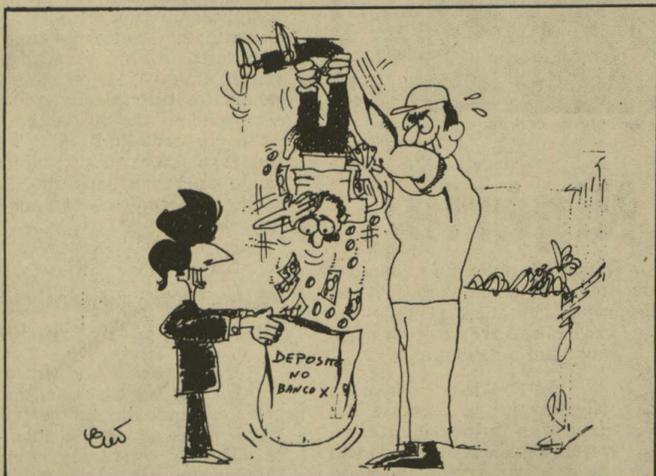


Tribuna Operária

ANO VI - Nº 233 - DE 9 A 15 DE SETEMBRO DE 1985

Cr\$ 1200

Batalha dos juros POVO ENRIQUECE OS BANQUEIROS AGIOTAS



Populares em fúria colocam candidato do PDS para correr

Aconteceu por duas vezes, nos bairros de Aracaju. Página 5

Até o presidente Sarney falou em "agiotagem" ao definir a situação do sistema financeiro brasileiro. As taxas de juros reais chegam a 30 e 40%. Subiram tanto, em última análise, devido à dívida externa. Os banqueiros acumularam superlucros de 5,58% entre 1979/1984. Quem paga o pato são os trabalhadores e as empresas de pequeno e médio porte.

Leia na página 4.

Bancários preparam greve geral dia 11

700 mil trabalhadores de todo o país, diante da intolerância patronal, fixam a data de parar os bancos. Página 7

S. Paulo inicia safra de lutas salariais

Metalúrgicos, gráficos, químicos, entre outras categorias, dão a largada na campanha pelo trimestral e pelo aumento real de salário. Página 7

EDITORIAL

Trapaça anticomunista

Onde residem os problemas principais do país? Onde se deve procurar a causa do desemprego, da inflação e dos salários de fome? Para desviar as atenções do povo contra o FMI, o latifúndio e a velha orientação econômica implantada pelos generais em 21 anos de ditadura, o sr. Jânio Quadros passou a acenar com a carcomida bandeira do perigo comunista.

Fazem coro com ele todos os interessados em frear as mudanças. Antônio Carlos Magalhães acusa a existência de "muitos esquerdistas" no governo. O SNI diz que o Incra estaria infestado de comunistas e que o plano de reforma agrária seria orientado pelo PC do B. Até o governador Brizola chegou a responsabilizar os comunistas pela calamitosa situação da saúde no Rio e pela greve dos funcionários desta área. Em São Paulo, os direitistas ligados à "comunidade de informações" da PM, montam uma trama repugnante para tentar desmoralizar o deputado Benedito Cintra e o PC do B.

Os poderosos, que durante o regime militar puderam espoliar brutalmente os trabalhadores e arruinar a nação, estão hoje desatinados. Fazem qualquer coisa para preservar seus privilégios e impedir as transformações progressistas reclamadas pelo povo. Dedicam-se por isto a golpear os comunistas, visando atingir os setores mais coerentes do movimento democrático e dividir as forças que sustentam a Nova República.

Aliás, tradicionalmente, sempre que a burguesia brasileira investe contra a liberdade, usa como pretexto o anticomunismo.

Dentro das próprias fileiras democráticas existem os que se deixam levar por esta pressão reacionária. Em São Paulo, por exemplo, o sr. Luís Carlos Bresser Pereira, secretário de governo, resolveu aceitar o argumento da direita de que os comunistas "atrapalham". Contribuiu assim para semear a divisão na ampla frente que apóia o senador

Fernando Henrique para a Prefeitura da capital.

O ataque aos comunistas tem, neste momento, a finalidade de sabotar a linha de unidade de todas as forças interessadas nas mudanças. Com muito acerto o falecido presidente Tancredo Neves advertiu que não podemos nos dispersar. Ele referia-se a todas as correntes que engrossaram a luta das diretas e a campanha do candidato único das oposições, entre as quais estavam, com destaque, os comunistas. Foi esta ampla união que possibilitou apertar os generais e dar início à Nova República. Sem manter juntas estas forças é impossível levar adiante os ideais que mobilizaram milhões em 1984.

Já se viu a reação raivosa - inclusive comprando armas - dos latifundiários contra o plano de reforma agrária. Verificou-se também o enorme alarido contra o simples afastamento do sr. Dornelles do ministério - porque isto representava uma derrota do FMI e, internamente, de Delfim Netto.

Se as correntes democráticas e populares se deixarem levar pela trapaça anticomunista e se dividirem, serão irremediavelmente derrotadas. Não é à toa que Maluf, ao saber das desastrosas declarações de Bresser Pereira, procurou atizar os atritos dizendo que o que prejudica a campanha de Fernando Henrique é "o mau governo de Montoro". Quer que os comunistas mordam a isca e passem a se defender atacando o governador paulista.

As eleições de novembro têm uma conotação de nacional. Testarão a capacidade dos brasileiros de se unirem para vencer os conservadores e diversionistas. Os comunistas estarão inabalavelmente empenhados nesta unidade. Quem atrapalha o Brasil são os Maluf, os Delfim, os Jânio Quadros, os generais, e toda a chusma de servçais do capital estrangeiro e do latifúndio, defensores do arbítrio e da corrupção. Não vamos nos dispersar.

Por que a direita deseja liquidar com as estatais

Por meio de mentiras e sofismas, as forças da reação querem desmoralizar as estatais para entregá-las ao capital estrangeiro. Pág. 5

Balanço das lutas operárias que agitam a Bahia

Motoristas, eletricitários, têxteis, bancários, metalúrgicos, petroquímicos, garis... As mais variadas categorias travam suas lutas por uma vida digna. Pág. 6

Uma emocionante denúncia do genocídio dos índios

No filme "Avaeté, a semente da vingança", Zelito Viana reconstitui o massacre de uma tribo no Mato Grosso pelo latifúndio. Página 9



Espancada pelo marido com uma barra de ferro

Esta delegacia mais parece um pronto socorro

A Delegacia da Defesa da Mulher, recém-criada em São Paulo, atende a um número surpreendente de vítimas de opressão, espancadas, violentadas e até ameaçadas de morte.



Hugo Carvana e índio Maesuora Kadineu, em cena de "Avaeté"

CDM Centro de Documentação e Informação Fundação Maurício Grabois

Pacote econômico de Estenssoro agrava miséria dos bolivianos

Mal assumiu o governo, o novo presidente da Bolívia, Vitor Paz Estenssoro, decretou uma série de medidas econômicas que, a pretexto de combater a grave crise econômica, visam aprofundar ainda mais a superexploração e a miséria de que são vítimas os trabalhadores daquele país.

A economia boliviana de fato caracteriza-se pelo caos e anarquia quase absoluta. A inflação já atinge a casa dos 14.000% ao ano, o desemprego é grande, a especulação domina as atividades comerciais. Há crise de abastecimento e a produção declina. Um quadro cuja modificação exige a adoção de medidas corajosas e enérgicas.

O pacote econômico baixado pelo presidente Estenssoro, justificado pela necessidade de combater a crise, prevê, de um lado, o congelamento dos salários e a gradativa privatização e desnacionalização das empresas estatais; do outro, liberação dos preços e corte dos subsídios de mercadorias que atendem às necessidades básicas do povo. Tem o sentido de agravar ainda mais a miséria do país.

Depois que as medidas foram anunciadas, em apenas 24 horas o preço do pão sofreu um aumento de 400%, enquanto a gasolina foi reajustada em

1.000%. A maior parte dos produtos dobrou de preço. O salário mínimo na Bolívia, hoje, de aproximadamente 10 dólares por mês, paga apenas oito pãezinhos diários por mês. Com os novos preços de transporte (que os empresários não aceitam e querem triplicar) um funcionário público comum, com salário de 40 dólares, teria de pagar uma quarta parte dos seus rendimentos só para ir e voltar ao trabalho.

A reação dos trabalhadores foi imediata. Ocorreu uma virtual paralisação do país. Mineiros e outras categorias operárias fizeram greve de protesto. A Central Operária Boliviana classificou as medidas de Estenssoro como "provocação" e decretou a greve geral dia 4 para barrá-las. As forças reacionárias, de uma forma geral estão aplaudindo a "coragem" do presidente, que, por seu turno, fala em renunciar se a resistência dos trabalhadores não permitir a implementação do arrocho.



Mineiros protestam em La Paz contra a superexploração. COB decretou greve geral dia 4.

Corrupção continua castigando a Nigéria

A Nigéria viveu, dia 27, mais um golpe militar. O general Mohamed Buhari foi deposto pelo também general Ibrahim Babangida, em nome do combate à corrupção e à crise econômica. Um velho filme, que se repete pela sexta vez desde 1960 e coloca o país no páreo com a Bolívia: em 25 anos como nação independente, 15 sob governos militares.

A instabilidade tem raízes na problemática formação social e econômica da Nigéria, cujos 80 milhões de habitantes pertencem a 250 diferentes grupos étnicos. Esta estrutura social arcaica, fonte de rivalidades intertribais e choques políticos, não resistiu à onda desenvolvimentista propiciada pela alta dos preços do petróleo, a partir de 1973.

Na década de 70 o produto interno bruto cresceu a uma média anual de 7,5%. Enquan-



A casta militar corrupta domina a Nigéria

to isso, a produção de alimentos per capita caiu 13%. De exportador, o país passou a importador de alimentos. Um modelo de crescimento distorcido, com forte concentração de renda e sem qualquer sus-

tentação interna.

A corrupção foi-se consagrando como esporte preferido da débil classe dominante local. Foi a sua prática que conferiu ao ministro das Finanças do primeiro governo

do país a alcunha de "senhor 10%" e o invejável título de "campeão mundial da corrupção"

A cada golpe, os militares prometem eliminar a corrupção, mas cada governo que termina bate novos recordes do enriquecimento ilícito. O ex-general Theophilus Danjuma, chegou a afirmar que "pode-se contrabandear um trem para a Nigéria, desde que se pague a propina correspondente aos oficiais alfandegários". Danjuma, segundo estes oficiais, falava com conhecimento de causa, já que teria ele mesmo introduzido 5 milhões de dólares de muamba nos navios da frota de que é sócio...

A crise econômica também castiga o país. Com a queda dos preços do petróleo, que responde por 95% das divisas, a dívida externa pulou para 22

bilhões de dólares. Enquanto a indústria opera com 75% de capacidade ociosa, 30% dos trabalhadores nigerianos amargam o desemprego.

A instabilidade política da Nigéria, que se expressa nos seguidos golpes militares, revela a falência de um modelo de desenvolvimento baseado unicamente na exportação de petróleo e nos créditos externos. E também a incapacidade da casta militar, corrupta para governar o país, entregue a todo tipo de negociatas. Em 1974, decepcionado com o primeiro golpe, desfechado em 1966, o jornal "New Nigeria" comentava: "O jogo praticamente não mudou, apenas os participantes têm outra aparência. Ao invés das agbadas, vestem fardas". Desta vez, nem a roupa mudou. (Silvio Queiroz)

Argentinos contra economia de guerra imposta pelo FMI

Com uma greve geral que paralisou o "cinturão industrial" de Buenos Aires e uma concentração que reuniu 350 mil pessoas na capital, os trabalhadores argentinos deixaram evidente no dia 29 de agosto a grande insatisfação popular diante do plano econômico do governo Alfonsín.

As agências de notícia imperialistas procuraram, por todos os meios, desacreditar o movimento trabalhista. Afinal, elas não cansam de apregoar que o povo argentino está vibrando de alegria com o pacote econômico baixado por Alfonsín, que, entre outras coisas, congelou os salários, impondo aos trabalhadores uma perda da capacidade aquisitiva calculado nos próprios círculos oficiais entre 30 a 40%, ao mesmo tempo em que acarretou um aumento brutal do desemprego (atualmente há cerca de 1.300 mil desempregados, segundo estatísticas do governo).

Os operários estão exigindo o rompimento dos acordos mantidos com o FMI e a suspensão do pagamento da dívida externa. O governo Alfonsín, porém, caminha no sentido contrário. Depois de aplicar ao país um plano de "austeridade" seguindo à risca o receituário do FMI, ele acaba de acertar um novo acordo com os banqueiros, pelo qual renegociou o pagamento da dívida (atualmente em torno de 50 bilhões de dólares) e obteve mais 4,5 bilhões em novos empréstimos, aprofundando a dependência externa da Argentina.

Mineiros suspendem greve na África do Sul

A União Nacional de Mineiros da África do Sul suspendeu, dia 3, greve nacional iniciada dia 1º em cinco minas de ouro e duas de carvão. Os operários negros exigiam aumento salarial de 22%, mas algumas mineradoras, como a Gencor, Gold Fields e Anglo-Vaal, negaram-se a negociar com os operários. Pelo contrário, apelaram para os policiais do regime racista do apartheid, que atacaram com violência os grevistas. Os empresários chegaram a cortar o suprimento de água, eletricidade e alimentos às vilas operárias, para forçar o cancelamento da greve.

EUA e Honduras em novos treinamentos militares

Cerca de 100 soldados hondurenhos e 150 paraquedistas e boinas verdes norte-americanos realizaram na última semana de agosto um exercício de contrainsurreição no vale de Yoro, Honduras, como parte da manobra conjunta conhecida como "Operação Cabanas", iniciada em junho e que deve terminar em outubro, da qual participam um total de 1.800 militares hondurenhos e norte-americanos.

A partir de 1981, o governo de Ronald Reagan intensificou o reforço militar de Honduras, construindo cerca de 100 pistas de aterrissagem, bases e instalações diversas para uso das forças aéreas e terrestres, mantendo permanentemente no país um contingente de 1200 soldados. Além do objetivo declarado de desestabilizar o governo sandinista da Nicarágua e de impedir a tomada do poder pela guerrilha em El Salvador, a crescente militarização de Honduras (e das costas centro-americanas) pelos EUA serve igualmente para reprimir a oposição ao governo de Roberto Suazo Cordoba. Segundo a Associação Hondurenha de Direitos Humanos, 25 camponeses e ativistas sindicais, além de um padre norte-americano, foram presos em Yoro, nos últimos meses, acusados de colaborar com a guerrilha.

General Pinochet dá mais ouro aos bandidos

O governo chileno entregou mais uma importante jazida de minério às multinacionais: na última semana de agosto, a mina de cobre La Escondita, com reservas calculadas de 11 milhões de toneladas de minério fino, foi comprada pela companhia norte-americana Broken Hill. Segundo o ministro das Minas chilenas, Samuel Lira, "é uma mina muito boa, com ótima localização, de maneira que é um projeto muito bom", para o imperialismo, naturalmente...

Mulheres, as campeãs do trabalho não pago

A criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher no Brasil, importante vitória das brasileiras, sem dúvida se dá com imenso atraso no nosso país. É que na última década, nada menos do que 90% dos países de todo o mundo criaram organismos de defesa dos direitos femininos que, apesar de implementarem políticas distintas e nem sempre a favor da emancipação da mulher, significaram alguns avanços.

A participação feminina cresce incessantemente, seja no mercado de trabalho, nas lutas democráticas ou de libertação nacional. A existência de Conselhos estatais ou mistos (como no caso do Brasil) serviu no mínimo, para que o diagnóstico sobre a situação feminina pudesse ser avaliado. Questionários sobre a situação deste continente (metade da população do globo) foram distribuídos em quase 200 países e revelaram que, apesar dos imensos avanços obtidos pelas mulheres no tocante aos direitos, ainda há muito a ser conquistado.

CONTRIBUIÇÃO FUNDAMENTAL

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, de

1975 a 1985 a participação das mulheres no mercado de trabalho formal cresceu de 575 milhões para 676 milhões, devendo chegar a 878 milhões até o ano 2 mil.

As mulheres são 1/3 da força de trabalho em atividade. Mas sua inserção no mercado quase nunca se dá em condições de igualdade com os homens. São 1/3 dos trabalhadores, mas apenas 10% dos assalariados; produzem 50% de todos os alimentos, mas recebem em média mundial 25% a menos do que todos os homens.

Seu trabalho fundamental é no campo, onde estão sete de cada oito trabalhadoras. Na África, são responsáveis por quase 90% da produção agrícola, mas não têm acesso aos programas de fomento à produção. E a nível mundial, as

mulheres são apenas 1% dos proprietários rurais.

Poucos foram os países onde a discriminação foi barrada, com a garantia de emprego, salário igual, profissionalização adequada e garantia de manutenção do emprego na gravidez, parto ou casamento. As legislações, ainda não garantem a igualdade. No tocante ao trabalho, ainda há dezenas de países em que a autorização do pai ou do marido é condição sine qua non para sua obtenção. Pesquisa da ONU em 120 países evidenciou que 30 haviam instituído a igualdade jurídica e 45 mantinham serviços de informação e atendimento jurídico à mulher.

Com raras exceções, o mercado de trabalho discrimina o contingente feminino, exceção sendo os países nórdicos, cuja densidade populacional é tão baixa que todos os braços se tornaram necessários para a produção, e também os movimentos feministas têm grande tradição de luta.

Segundo o que afirmou Vito Kapo, representante da Albânia na Conferência da ONU, a inserção da mulher no trabalho em condições de igualdade resulta do desenvolvimento da revolução, quando duas coisas são indispensáveis para a participação feminina: o fim da exploração que tem por base a propriedade privada e a participação no trabalho produtivo e nas políticas sociais.

Para se ter uma idéia do quadro mundial, veja-se a Espanha, onde 33% das trabalhadoras não têm contrato de trabalho; 23% recebem salários inferiores; 12% não recebem remuneração pelo trabalho; e 26% recebem menos que um salário mínimo. Mas na África a situação é mais grave. Embora produzam de 60% a 80% dos alimentos (em alguns

países, 90%), 85% das africanas são analfabetas e não recebem mais do que a alimentação pelo trabalho, ainda que de 18% a 20% delas sejam cabeças de família.

DUPLA JORNADA

Em praticamente todos os países o trabalho doméstico é uma tarefa exclusivamente feminina. E não basta realizar uma luta de libertação nacional e iniciar uma revolução para que esta situação seja mudada. Um exemplo típico é o das mulheres soviéticas. Segundo a própria propaganda revisionista, elas continuam realizando os mesmos papéis no lar: lavadeira, arrumadeira, educadora dos filhos, cozinheira e operária.

Segundo a OIT, se o trabalho doméstico feminino ("trabalho invisível") fosse transformado em valor, significaria até 40% do produto nacional dos países industrializados. Nestes países, a mão-de-obra feminina é majoritária no setor fabril. Com 44 horas na fábrica, 56 em casa, o tempo semanal de descanso para a mulher é 1/3 menor do que o dos homens. Pouco tempo sobra para a participação política feminina.

MULHERES FAMINTAS

Esses fatores têm suas consequências nas condições de vida e saúde das mulheres. Pode-se afirmar que, se a humanidade passa fome, as mulheres passam muito mais. Na Índia e África em geral, o peso médio de uma mulher é de 45 Kg, enquanto nos EUA é de 58 Kg. Na faixa de 15 a 49 anos, metade das mulheres são anêmicas, proporção que cresce entre as mulheres grávidas. Se o aumento normal de peso na gravidez é de 14 Kg, na África é de no máximo 6 kg! E as gestações seguidas têm levado estas mulheres a perderem peso



Operárias inglesas: trabalho igual, mas salários inferiores

CDM



Foto: César Diniz

Aurélio assina sua ficha de filiação. Vários operários seguiram seu exemplo

Aurélio assume com festa a legenda comunista

"Este é um ato simbólico porque representa o encontro da classe operária com o seu partido de vanguarda". Com estas palavras o dirigente comunista João Amazonas saudou a filiação ao PC do Brasil do metalúrgico e deputado federal Aurélio Peres, ocorrida na noite do dia 31 numa grande festa na região proletária da Zona Sul da capital paulista.

A festa de filiação do deputado metalúrgico foi presenciada por mais de 200 pessoas que superlotaram o seu comitê em Santo Amaro - a maioria operários das grandes fábricas da região e lideranças de aproximadamente 60 bairros da periferia. Também estiveram presentes os vereadores Edson Simões e Valter Feldman, o deputado Benedito Cintra e os administradores regionais de Campo Limpo e Santo Amaro, além dos presidentes dos três diretórios distritais do PMDB na região.

Aurélio Peres, bastante emocionado, fez questão de assinar sua ficha de adesão ao Partido Comunista do Brasil na frente de todos os presentes. Em seu discurso, lembrou as grandes lutas que travou ao lado dos trabalhadores paulistas, nas greves dos metalúrgicos, no Movimento Contra a Carestia, nas campanhas por melhorias nos bairros e "na grande batalha que pôs fim ao regime militar". Depois lembrou seu mandato como parlamentar do PMDB, "partido que serviu de guarda-chuva para abrigar todos os que lutaram contra a ditadura".

Conforme ressaltou, "dentro do PMDB estava um comunista que nunca escondeu sua convicção política, embora não pudesse assumir publicamente porque o nosso partido era ilegal. Agora, graças à luta do povo que derru-

bou o regime dos generais, de mão erguida, punhos cerrados, passe a defender abertamente as bandeiras do PC do B de libertação da classe operária, de construção do socialismo no nosso país. Isso me dá grande alegria". Por último, convocou todos os operários a se filiarem ao PC do B "construindo um grande partido, porque este é o partido da nossa classe".

"HONRA A SUA CLASSE"

Todos os oradores fizeram questão de frisar as qualidades do parlamentar e líder proletário. João Amazonas lembrou que "Aurélio é um bravo lutador, homem simples e modesto que sabe honrar a ideologia da classe operária". Francisco Calazans, presidente do Diretório do PMDB de Capela do Socorro - onde o deputado era filiado - disse que seu partido "perde um dos maiores lutadores pela democracia em nosso país, mas o povo ganha com a liberdade dos comunistas se organizarem". Blanco, do Diretório do PMDB de Pareiheiros, afirmou que "Aurélio é um homem de coragem, como todos os comunistas o são, dando sua vida pra defender o povo".

Durante a solenidade vários operários das grandes fábricas, seguindo a decisão de Aurélio Peres, filiaram-se ao PC do B. Entre eles, cinco líderes metalúrgicos da MWM e dois da Taurus.

PC do B cria sedes em cidades proletárias

Muitas centenas de trabalhadores pararam na rua Senador Flaquer, sexta-feira dia 29, para ouvir a mensagem do Partido Comunista do Brasil - que inaugurava sua primeira sede no ABC paulista. Com caravanas dos bairros - só o Centreville veio com 150 pessoas e também a Escola de Samba Virada da Roda Viva -, a festa despertou curiosidade e interesse.

O operário metalúrgico Adonis Bernardes, ao microfone, apresentou os componentes da Comissão Municipal do PC do B, que além dele próprio incluiu outros dois operários, um bancário, uma liderança de bairro, uma dona de casa e um estudante. Em nome da Comissão Regional, João Batista Lemos lembrou "a presença constante do PC do B nas lutas dos metalúrgicos e de todo o povo de Santo André". Entre o público, dois jovens vendedores de autopeças acham "ótimo" a presença do PC do B em Santo André, e um deles argumenta que "seria prejudicial só para os militares". Para eles, a pregação comunista deve encontrar eco no ABC: "Pega porque é um povo marcado, que sofreu muito, que está com fome na vida de cada um". Mais adiante, quatro metalúrgicos, muito jovens, afirmam com orgulho que se filiaram ao PC do B. E um senhor já de idade, Antonio Pereira Machado, recorda que é membro do partido desde 1948. Eletricista autônomo de profissão, ele só retomou o contato com a organização partidária

há três meses. "Mas sempre pensei do mesmo jeito", garante.

SANTOS E SUZANO

No dia seguinte o PC do B inaugurava sua sede em outra importante cidade operária de São Paulo, Santos. Estavam presentes cerca de 300 pessoas, com presença marcante de portuários, metalúrgicos e trabalhadores dos Correios, os vereadores Geraldo Silvano, Alcindo Gonçalves, Edmur Mesquita (PMDB) e Nobel Soares (PSB), o presidente do PT local, o deputado estadual Rubens Lara, o candidato a vice-prefeito de Cubatão e diretores dos Sindicatos dos Operários do Porto, Construção Civil, Administração Portuária, Professores, Bancários e Urbanitários.

Iniciada com o Hino Nacional, e concluída aos acordes da Internacional, a festa consumiu 300 litros de chope e muitos salgadinhos. Na parte dos pronunciamentos políticos o médico Fábio Mesquita, em nome da Comissão Municipal, destacou a responsabilidade dos comunistas que almejam "devolver a Santos a honra de ser a cidade vermelha".

Em Suzano, outro importante centro fabril, na Grande São Paulo, a inauguração da sede foi no dia 24, com mais de cem pessoas, a presença do prefeito da vizinha Mogi das Cruzes, Carlos Machado Teixeira, e vários diretores do Sindicato dos Ouímicos. No ato político, que teve capoeira forró e chope, foi empossada a Comissão Municipal do PC do B, composta por cinco lideranças operárias e três mulheres. (das sucursais)

Operários querem espaço na prefeitura de Cubatão

"Precisamos ganhar as ruas e discutir nosso programa, que tem muita aceitação. Em Cubatão, temos que consolidar a democracia e derrotar de vez o candidato do Maluf, que se travestiu de democrata e se abrigou no PFL". Quem diz isto é o candidato da coligação do PMDB - PC do B, Armando Campinas, cuja campanha avança progressivamente para a vitória.

Por sua vez, o presidente do Partido Comunista do Brasil considera de grande importância a vitória do candidato dos democratas nesta cidade operária. "O enterro da ditadura militar e do malufismo em Cubatão abre espaço para o movimento operário e popular. Queremos na prefeitura um candidato aberto e sensível às pressões dos trabalhadores", disse ele.

Já o PCB, virando as costas para os interesses da unidade democrática, lançou um candidato próprio e seus representantes têm dito que sua principal tarefa neste momento é tirar votos do PMDB, mesmo que isto signifique a vitória do malufista do PFL. O PDT segue o mesmo exemplo sendo que para revelar melhor sua política antipopular, escolheu como candidato o ex-presidente do PDS local.

O PC do B tem concentrado suas atenções na campanha dentro da Cosipa, a principal indústria do município, e na Vila Natal, um bairro caracterizado por operário, onde já está em formação um comitê. (da sucursal)



Na cidade mais poluída do mundo, os trabalhadores querem ampliar a democracia

Em Aracaju povo põe para correr o PDS

Jackson Barreto, candidato das forças democráticas em Aracaju (PMDB, PC do B, PFL), vem realizando comícios nos bairros com uma média de três mil pessoas, fato inédito em campanha eleitoral no Estado. Seus concorrentes têm conseguido vaia e ausência de público.

Em dois comícios realizados pelo PDS, Em Gilgion e Jardim Esperança, o malufista Gilgion Garcia saiu corrido e impudicamente vaiado. Seus seguranças chegaram a ameaçar populares com revólveres em punho.

O candidato do PL, Nelson Araújo, tem ido aos comícios e retornado do meio do caminho por falta de público para ouvir suas "propostas". O representante do PDT, Carlos Ayres de Brito, não conseguiu colocar mais de 50 pessoas nos dois atos que fez no centro da cidade.

No bairro do Bugio, um dos mais populares da periferia norte da cidade, quando Gilgion Garcia foi expulso pela população, a TV Sergipe, do presidente do PDS, atribuiu o fato a "agitadores", no velho estilo da ditadura. Mas neste mesmo bairro Jackson Barreto foi recebido e ovacionado por mais de quatro mil pessoas.

O PDS está em desespero. A tal ponto que seu cacique maior, o senhor de engenhos Albano Franco, já admitiu que poderá retirar seu apoio a Gilgion e apoiar o candidato do PL, Nelson Araújo. (da sucursal)

PDT se une a Maluf em Florianópolis

As eleições em Florianópolis polarizam-se em torno de Edson Andriano, do PMDB, com apoio do PC do B; Francisco de Assis, do PDS, representando as forças mais reacionárias do Estado e que ficaram com Maluf contra Tancredo, sendo apoiado pelo PDT, que tem o candidato a vice-prefeito na mesma chapa; Enio Branco, do PFL, representando as oligarquias Ramos e Bornhausen, caciques da política em Santa Catarina há mais de 90 anos, mas que tiveram a sensibilidade de romper com o regime militar num momento decisivo no país, contribuindo para o surgimento da Nova República.

O candidato do PMDB materializa uma grande festa, onde se somam também setores democráticos do PDT e do PT. O PC do B decidiu pelo apoio a Edson Andriano "para não dispersar as forças, derrotar o candidato do governador Amin e todos os que se colocam contra as mudanças".

O PT lançou a candidatura de Jorge Lorenzette. Faz uma campanha de oposição a todos. Não consegue empolgar a massa de eleitores mas de qualquer forma ajuda aos setores conservadores pois divide alguns votos. A mesma orientação é adotada pelo PCB, que não se importa em dividir as forças democráticas. Sua argumentação é que agindo assim, ocupa espaço na imprensa e favorece o crescimento de suas fileiras. Na prática tem ocorrido o contrário, seu candidato Wilson Rosalino encontra-se cada dia mais isolado.

O candidato do PTB, Ortega, é um anti-comunista declarado. Nos últimos debates, seguindo o exemplo do carro-chefe do seu partido em plano nacional, Jânio Quadros, tem se esmerado nesta política reacionária e raivosa contra os comunistas. Não tem nenhuma sustentação política. Sua presença só se justifica pelas provocações que realiza.

Inteiramente por fora do curso político apareceu a candidatura de Roberto Warguem, do PH, que nunca participou de qualquer atividade política e não tem nenhuma proposta prática.

Pesquisa confirma o valor da unidade

Dois exemplos são contundentes: Em Salvador, em torno de Mário Kertesz, uniu-se uma vastíssima frente democrática, e o PMDB age unido, sem disputas menores de grupos. Segundo a pesquisa divulgada no último fim de semana, esta candidatura tem 64,9% do eleitorado. O mesmo acontece em Goiânia, e a preferência por Daniel Antônio atinge 62%.

Por outro lado, no Rio de Janeiro e em Curitiba o PMDB não conseguiu livrar-se da perspectiva grupista. Cada grupo puxa para o seu lado. No Rio isto foi a tal ponto que o candidato chaguista, imposto a força, levou à divisão do PMDB. Brizola se aproveitou disto, e ainda estimula o quanto pode os atritos. Os eleitores cariocas, ainda atônitos com a falta de uma alternativa capaz de vencer e que represente as mudanças, estão divididos e quase 20% revelam indecisão. Em Curitiba o PDT sai na frente.

Em São Paulo, onde se trava o centro da batalha em plano nacional entre democratas e reacionários, a candidatura de Fernando Henrique ainda não conseguiu vencer suas dificuldades internas. Na cidade que encabeçou a batalha das diretas, que assistiu concretamente o resultado da unidade no comício do Anhangabaú, com quase dois milhões de pessoas, o PMDB ainda se encontra prisioneiro de concepções de panelinha. A tal ponto isto se verifica que até o momento lideranças de prestígio - incluindo o vice-governador e o próprio prefeito da capital - ainda não estão engajados na campanha. Mesmo o candidato a vice-prefeito, Caio Pompeu de Toledo permanece como figura à margem.

Para piorar este quadro, o sr. Luiz Carlos Bresser Pereira, secretário de Governo de São Paulo, resolveu encabeçar, dentro das fileiras do PMDB a campanha anticomunista, que é a bandeira principal do candidato da direita, Jânio Quadros. Os

A luta das diretas terá continuidade com a unidade do povo, sem nenhuma discriminação



Quem paga pelas taxas de agiotagem?

Depois da queda de Francisco Dornelles, uma das principais preocupações manifestadas pela nova equipe econômica que assumiu o Ministério da Fazenda passou a ser a queda da taxa de juros. O presidente Sarney chegou a falar sobre a necessidade do país deixar de ser dominado por "uma comunidade de agiotas".

De fato as taxas de juros têm apresentado um vertiginoso crescimento nos últimos anos. Atualmente atingem até 30 e 40% ao ano. Em consequência, vem ocorrendo uma grande concentração de capital no setor financeiro, em detrimento de outros ramos da economia, especialmente dos setores produtivos.

SUPERLUCROS

Pode-se ter uma idéia parcial deste deslocamento de capital pela participação relativa do setor financeiro no PIB, que pulou de 4,3% em 1970 para 7% em 1982 - uma evolução de 62%, segundo dados da Fundação Getúlio Vargas. Esta relação, no setor agropecuario, praticamente ficou estacionada em 12% durante o período, enquanto o peso da indústria decresceu de 37% para 35%; o do governo, por outro lado, também se elevou de 4,3% para 7% e o do setor serviços como um todo cresceu de 55,2% para 59,5%.

Os banqueiros acumulam verdadeiros superlucros (chegaram a 5.580% entre 1979-1984). E não deixaram de se elevar: no primeiro semestre deste ano, por exemplo, o Bradesco, maior banco privado nacional, registrou Cr\$ 831,4 bilhões, de lucros, com um crescimento de 639% em relação ao resultado do mesmo período do ano anterior.

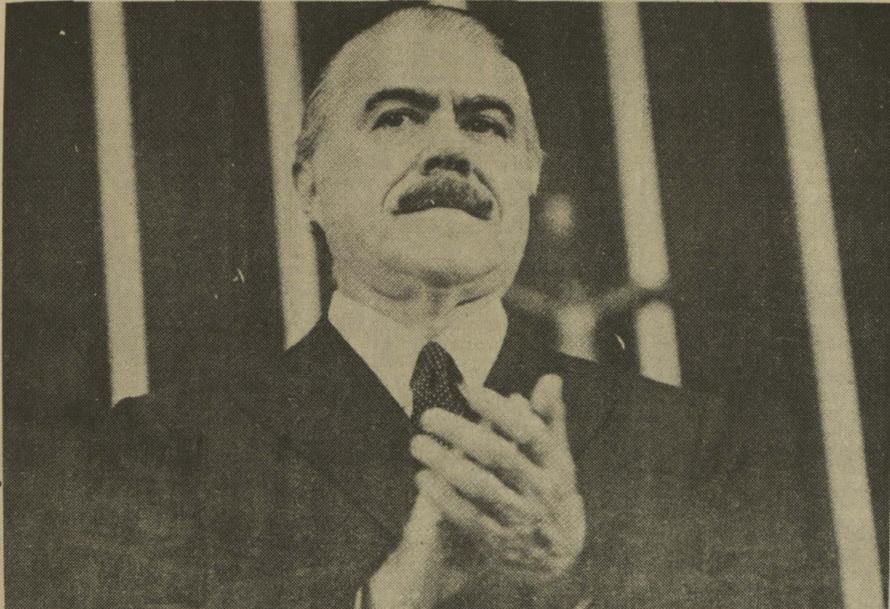
Foi grande, igualmente, a centralização. O número de estabelecimentos financeiros reduziu-se de 178 em 1970 para 113 em 1983, enquanto a quantidade de agências subiu de

7.861 para 14.436 (além de 2.712 postos de serviços e escritórios de representação).

Para precisar melhor a hipertrofia do setor financeiro é necessário agregar a participação indireta das grandes empresas situadas em outros ramos da economia. Os fabulosos rendimentos oferecidos pelo mercado aberto (open market) atraem investimentos de todos os lados. O exemplo da Volkswagen é ilustrativo: de um lucro líquido de Cr\$ 36,9 bilhões (valores do ano passado) conseguido pela empresa em 1984, nada menos que Cr\$ 28,7 bilhões resultaram da aplicação no open.

Informações mais recentes do IBGE indicam que, entre 1982 e 1984, houve uma queda de 36,3% dos investimentos em nova capacidade produtiva, tendência que persistiu neste ano. O atual crescimento da indústria vem ocorrendo unicamente devido à utilização já instalada e até então ociosa.

Observa-se também uma modificação substantiva na composição dos haveres financeiros: em 1970 os haveres monetários (depósitos à vista mais moeda em poder do público) representavam 56,7% dos ativos totais contra 43,3% dos não monetários (depósitos de poupança, depósitos a prazo fixo, letras de câmbio, títulos da dívida pública federal e outros). Em 1984 esta relação, que vem se alterando ao longo dos últimos anos, era a seguinte: 89,2% de haveres não monetários contra 10,8% de monetários. Em abril deste ano



Sarney afirma que é preciso acabar com a "comunidade de agiotas" que domina o país

registrou-se 91,8% contra 8,4%.

DÍVIDA EXTERNA

O valor dos haveres não monetários não é depreciado pela inflação. Isto também motiva o crescimento que ostentam. Porém, a causa principal é a forma utilizada até agora pelo governo para financiar o déficit público. Com efeito, observou-se um aumento mais acentuado no volume de títulos públicos (ORTN e LTN), que em 1970 representavam 15% dos ativos totais contra 39,2% neste ano. Em abril a quantidade desses títulos no mercado correspondiam a Cr\$ 386 trilhões. São dados que indicam a maior intervenção do governo na economia, especialmente no setor financeiro.

É fato que a venda de títulos patrocinada pelo governo para

fazer frente aos seus gastos tem sido o principal fator da elevação das taxas de juros e, por tabela, da concentração de capital no setor financeiro, fenômeno que vem se agravando principalmente desde 1982. Acelera igualmente o processo inflacionário, que, por seu turno, também atua sobre o nível das taxas de juros e a concentração de capital no setor financeiro, sendo por aí alimentado. Conseqüentemente, o déficit público é visto como a raiz de todos os males, o que origina uma receita simplista: "Cortem-se os gastos do Estado".

Mas o fenômeno tem causas mais profundas. Antes de tudo, o déficit e o crescente e viciado endividamento interno do governo são decorrentes da dívida externa, cuja gestão o

Estado chamou a si. A ação do governo no mercado financeiro não é senão o meio de financiar o pagamento dos juros devidos aos banqueiros estrangeiros, que assume por isto o caráter de tributos extras cobrados unicamente com esta finalidade.

Está ocorrendo, na realidade, uma pesada transferência de recursos para os agiotas internacionais, operada principalmente através do déficit e da inflação. Este processo provoca a alta das taxas de juros e enriquece os banqueiros e o grande capital que participam da agiotagem externa. Mas é pago pelos trabalhadores, cujos recursos são drenados por meio da sobrecarga de impostos, superexploração, elevação do custo de vida e recessão. (Umberto Martins)

Jovens lançam a UJS no Piauí num grande ato

Mais de 200 jovens de Teresina e do interior do Estado, além de lideranças políticas e de entidades populares, prestigiaram o lançamento da União da Juventude Socialista no Piauí. A programação, que incluiu a apresentação de um show com artistas da terra, elegeu a coordenação estadual da UJS, encabeçada por Roberto Veloso. Em seu discurso, Veloso destacou que "agora a juventude do nosso Estado conta com uma entidade que reunirá os jovens na batalha pelo emprego, esporte e cultura, mas que tem como objetivo maior a conquista do socialismo para que todos tenham direitos que são negados pelo sistema de exploração capitalista".

O candidato opositorista a prefeitura de Teresina, deputado Wall Ferraz, esteve presente durante toda a movimentada programação e assumiu o compromisso de criar o Conselho Municipal da Juventude, apoiar a reivindicação dos jovens pelo voto aos 16 anos e democratizar as escolas municipais. Ao encerrar, Wall Ferraz elogiou a UJS "por sua preocupação em organizar os jovens na defesa de seus direitos". (Aldo Rebelo)

Mineiros fazem o II Congresso de Profissionais

Realizou-se nos dias 30, 31 e 1º de setembro, em Belo Horizonte, o II Congresso Mineiro de Profissionais da Engenharia, Arquitetura, Agronomia, Geologia e Geografia. O encontro teve como tema central "O Profissional e a Democracia", procurando aprofundar a preparação dessas categorias no processo de debate da Constituinte. Neste congresso foram tomadas importantes resoluções para as categorias envolvidas.

Os participantes manifestaram seu repúdio à campanha periódica de difamação das empresas estatais, "que têm por objetivo promover o descrédito e, posteriormente, a desnacionalização desse valioso patrimônio nacional". Também se manifestaram sobre a necessidade de modificação da estrutura fundiária no Brasil, dando apoio à implantação imediata do Plano Nacional de Reforma Agrária da Nova República, "como passo inicial para a democratização, no país, do acesso à terra".

Quanto à Constituinte, os profissionais encaminharam sugestão ao Congresso Nacional para que estabeleça uma real representação da população, na base da proporcionalidade, independente de cada Estado da Federação. Ainda enfatizaram a importância das comissões consultivas municipais "como instrumento de participação na Constituinte". Entre as moções aprovadas pelos participantes do II CMP destaca-se a de repúdio à política segregacionista em vigor na África do Sul. (da sucursal)

Acusadores de Cintra mentem no depoimento

"Foi só essa mentira que eu disse", respondeu a faxineira Maria das Dores, uma das testemunhas de acusação contra o deputado Benedito Cintra e a investigadora Beatriz Xavier. Todos os três que acusavam Beatriz de estar nua (duas faxineiras e o cabo que fez o relatório) entraram em gritantes contradições durante a acareação na Assembléia Legislativa de São Paulo, dia 4. Diante dessas mentiras, o presidente da CEI, deputado Ary Kara, declarou à TO: "Hoje, até o coronel foi desmentido pelo cabo".

Com o prosseguimento das investigações feitas pela Comissão Especial de Inquérito (CEI) sobre o rumoroso "Caso Cintra", vão aparecendo as incoerências das testemunhas de acusação. E vai se tornando evidente a trama montada pela direita para tentar desmoralizar o deputado estadual Benedito Cintra, vice-líder do PMDB.

A primeira testemunha a ser acareada frente a frente com a investigadora policial Beatriz Aparecida de Oliveira Xavier foi a faxineira Maria das Dores da Silva. E acabou confessando que mentiu. Ela disse que na noite de 5 de agosto viu o deputado Cintra abrir um gabinete do 2º andar e telefonar para o 6º andar. No primeiro depoimento, ao ser perguntada se sabia de qual deputado era aquela sala, a faxineira respondeu textualmente: "Não sei não senhor. Dizem que é do deputado Benedito Cintra". Na acareação falou: "Na porta onde o deputado fez o telefonema estava escrito Fernando Manso" (nome de um deputado falecido recentemente).

Ao lhe mostrar esta incoerência, pois o gabinete de Cintra fica no 3º andar, ela afirmou que havia sido o tenente Joaquim Pereira dos Santos que lhe explicou de quem era aquela sala. E confessou humildemente aos deputados: "Foi só essa mentira que eu disse". O deputado Marco Aurélio Ribeiro comentou esse fato mais tarde: "Eu acho que ela não mentiu só nisso, deve ter mentido em mais coisas".

COBERTOR SOBE E DESCE

Na acareação também não houve coincidência sobre a suposta nudez da investigadora. Beatriz - que estava de plantão naquela noite - disse que não atendeu nenhuma faxineira e quando o cabo Silvério bateu na porta com violência, o atendeu "totalmente vestida e com cobertor por cima". Ao ser indagada, Maria das Dores relatou que a investigadora deixou o cobertor cair ao sair à porta: "Eu consegui ver que ela estava desnuda". Cleonice Conceição de Almeida, a outra faxineira, falou que não viu Beatriz totalmente nua: "Confirmo que ela estava com o cobertor que deslizou e



A faxineira Maria das Dores (esquerda) confirma que mentiu; Beatriz diz que não atendeu as faxineiras

eu vi metade de seus seios".

Ainda a respeito do tal cobertor, ocorreu um fato que a própria Cleonice foi obrigada a desmentir. No seu primeiro depoimento ela não descreveu o cobertor, mas no dia da acareação citou em detalhes como ele era. Perguntada pelos deputados se assistira o depoimento de Beatriz - quando ela levou o mesmo cobertor - respondeu que não. Mas quando soube que ali havia três testemunhas que a viram na sala de depoimento naquele dia, Cleonice voltou atrás e confirmou que

presenciou o fato.

CABO DESMENTE CORONEL

As declarações das testemunhas deixavam a impressão de que elas foram bem orientadas sobre o que falar, mas não tiveram como escapar das incoerências. Pode-se dizer que houve até caso de quebra de disciplina hierárquica. O cabo Silvério desmentiu a declaração do coronel Airton Santos Miranda - afastado da Assistência Militar por encaminhar investigação clandestina à revelia da Assembléia - de que o relatório foi feito somente por ele, sem ajuda de nenhuma outra pessoa. O depoente confessou que o tenente Joaquim (o mesmo que falou às faxineiras sobre o gabinete do Cintra) fez algumas "correções" em seu relatório.

Sem poder contar com os métodos arbitrários que tinha às mãos durante o regime militar, a direita tenta atingir os mais combativos defensores do povo utilizando outros métodos maquiavélicos. Isso é o que fica evidente à medida que vai se assentando a poeira do denominado Caso Cintra.

Benedito Cintra, de família humilde, ex-mecânico da CMTC, foi eleito vereador em 1976, aos 23 anos, com os votos da Vila Brasilândia, um dos bairros mais pobres de São Paulo, e mais tarde deputado com mais de 60 mil votos. Desde 1983 que Cintra faz parte da Comissão Perma-

nente de Segurança Pública, onde tem feito constantes estudos sobre esta questão.

É admirado por soldados, cabos e sargentos por seu trabalho em defesa de suas reivindicações. Somente no primeiro semestre deste ano ele realizou três assembleias, cada uma com cerca de 300 militares. A direita não suportava um comunista, pobre e negro entrando nesta área. Então se montou a trama.

MENTIRAS NA IMPRENSA

Para dar eco às suas diatribes, os direitistas contaram com o apoio da grande imprensa, que, irresponsavelmente divulgou notícias em manchetes de que o deputado fora encontrado nu, sendo que em nenhum relatório policial se referia a isso. O deputado Gilberto Delmont, do PDS e relator da CEI, reconheceu isso em declaração à TO: "Aquele versão inicial de que o deputado estava nu não foi confirmada de maneira nenhuma".

Duas posições distintas estão representadas na CEI. Uma representada pelo deputado Sidnei Palácios, ex-coronel da PM, para quem as contradições das faxineiras "não tem relevância. Apenas serve para tumultuar". Já o deputado Ary Kara presidente da CEI diz que "tem muitas contradições gritantes nos depoimentos. Não tem prova nenhuma que incrimine o deputado Benedito Cintra".



Os deputados Marco Aurélio Ribeiro e Benedito Cintra assistem a acareação das testemunhas

Princípios

Revista política, cultural e de informação. 11 de Setembro de 1985. CEP 000



EDITORA ANITA GARIBALDI

Leia e assinie a revista Princípios

Assine Princípios, revista de teoria marxista, estudos políticos e informação cultural. Envie cheque nominal ou vale postal para a Editora Anita Garibaldi Ltda., Av. Brig. Luís Antônio, 1511, CEP 01317, São Paulo. A assinatura, dando direito a 4 números de Princípios, custa apenas Cr\$ 35 mil. O número 11, já em circulação, custa Cr\$ 9 mil. Faça hoje mesmo a sua assinatura de Princípios.

ERRATA

Na edição nº 231 cometemos dois erros na matéria sobre as eleições municipais em São Luís, Maranhão. O primeiro refere-se ao nome da candidata do PDS, Gardênia Gonçalves - e não Alves, como publicamos. O segundo refere-se ao candidato do PDT, que afirmamos que sequer era morador de São Luís. Na verdade quem não é de São Luís é o candidato do PT.

LUTAS DA LUTA OPERÁRIA

Papel chave dos comitês de base

As campanhas eleitorais para o pleito de 15 de novembro vão confirmar que o grande confronto será entre as correntes que desejam mudanças e as que pretendem conservar os restos do velho sistema. E que o interesse maior do proletariado neste momento é o de unir o máximo de forças democráticas, sem nenhuma discriminação, em apoio à Nova República.

UNIDADE NA BASE

A batalha pelas prefeituras é uma continuidade das diretas-já, cujo fator decisivo foi a mobilização de massas em articulação com o entendimento entre um imenso leque de correntes de opinião. Agora também, o que decidirá a sorte da disputa será a participação ativa de milhares de ativistas que funcionam como vasos capilares, que recolhem as idéias vivas do povo em cada local e, em contrapartida, alimentam a movimentação de massas promovendo iniciativas de acordo com a política geral.

Neste sentido, os comitês unitários na base, como foram os comitês das diretas, cumprirão papel de grande importância. Em cada vila ou até em cada rua, nas fábricas ou em cada seção das grandes fábricas, nas salas de aula, é possível aglutinar pessoas de diversos partidos e com opiniões diversas, mas que concordam que agora urge unir para mudar. Mesmo militantes de partidos que, por exclusivismo, lançaram candidatos que dividem a frente democrática, podem manifestar concretamente seu desagrado com a orientação diversionista das cúpulas, aderindo a tais comitês unitários dos candidatos mais amplos do ponto de vista democrático.

PAPEL DOS ATIVISTAS

A batalha das diretas, a campanha do candidato único das oposições, a luta atual para impulsionar a Nova República, o apoio ao presidente Sarney para levar adiante a bandeira empolgada anteriormente por Tancredo, todo este processo ensina que as "frentes de esquerda", sectárias e estreitas, não resolvem. O que se impõe para enfrentar o conservadorismo é a frente das amplas massas, é a unidade por cima dos interesses mesquinhos de grupo. Isto exige a convivência e o entendimento geral nas direções partidárias mas, fundamentalmente, o trabalho nas bases.

Alguns confiam que a campanha por meio da televisão possa resolver as coisas. É uma ilusão. A propaganda geral, nos poderosos meios de comunicação, tem um imenso efeito, que não pode ser menosprezado. Mas o contato direto, em cada local, com líderes conhecidos do povo, que gozam de prestígio, que discutem os problemas concretos e os relacionam com as questões maiores, de interesse geral, é indispensável. Esta rede, que penetra em todos os poros da sociedade, é que permite às opiniões da classe operária fazerem frente à máquina publicitária da burguesia, regada a dólar e cheirando a corrupção.

NOVAS CONQUISTAS

As eleições representam um teste importante. Vencerá a política das mudanças ou prevalecerá a orientação anti-povo? Mas não se resume a isto o seu resultado. Uma vitória a favor de mudar cria um novo quadro político no país. Mas as transformações não terão fôlego se não contarem, para conduzi-las com mão forte, com a organização popular. Por isto, os comitês unitários não visam unicamente o sucesso eleitoral imediato mas têm ligação com o futuro do processo revolucionário no país.

Os grandes comícios em 1984 foram capazes de abalar os alicerces do regime militar e criaram as condições para sua derrota. A organização dos comitês em cada local permitirá a multiplicação deste movimento e levará a conquistas ainda de maior envergadura.

(Rogério Lustosa)

"Não tenho restrições à entrada de capital estrangeiro no país ou à sua participação em empresas públicas. O que sou contra é a participação do Estado em atividades da economia em que as empresas privadas são tradicionalmente mais competentes". Era o que dizia o ex-ministro da Fazenda, Francisco Dornelles.

Muito embora Dornelles já não seja ministro, este pensamento ainda sintetiza a posição daqueles que vêm travando uma furiosa batalha contra as empresas estatais brasileiras. A campanha apresenta formas diversas, com amplo apoio na imprensa reacionária. Abarca um leque de argumentos que varia do aparentemente "razoável" a colocações grosseiramente improvisadas.

A regência fica por conta dos interesses imperialistas, materializados nas exigências do Fundo Monetário Internacional, que vê nas estatais um certo obstáculo ao completo domínio da economia brasileira pelo capital estrangeiro. São esforços que se enquadram na estratégia geral dos imperialistas, capitaneados pelos norte-americanos, de transformar o Brasil e demais países dependentes em colônias de novo tipo.

Os porta-vozes internos do imperialismo acusam as estatais de serem as grandes responsáveis pelo desequilíbrio das contas nacionais. Como complemento, apresentam a lista de falcatruas, desperdícios, corrupções ocorridas na época do regime militar. Vituperam os antigos administradores e propõem a extinção da intervenção do Estado na economia.

É certo que a malversação do dinheiro público, fenômeno comum no capitalismo atual, adquiriu proporções alarmantes no reinado dos generais. Fora as mordomias, as estatais serviram como um vasto campo de enriquecimento ilícito. Seus quadros de pessoal eram inchados em particular com funcionários de elevados salários onde os militares - 14 mil ao todo - foram largamente favorecidos.

Além disto, no Brasil não existe uma unificação orçamentária (embora o governo Sarney tenha dado passos neste sentido). Somente o orçamento fiscal passa pelo crivo do Congresso. Assim, o orçamento das estatais sempre ficou "livre" para que o governo gastasse de acordo com interesses pessoais ou de grupos empresariais. Nas transações externas as coisas se agravam. Os empréstimos externos recebidos pelas estatais, em geral, são feitos em operações casadas de equipamentos os mais das vezes desnecessários. Um exemplo gritante deste mecanismo é a construção da ferrovia de Carajás, pertencente à Vale do Rio Doce, em plena Amazônia, com madeira importada.

Mas a campanha em curso não visa um saneamento e moralização do setor produtivo governamental. Defende-se que sem as estatais o Brasil estaria bem. E o cinismo dos argumentos utilizados é transparente. A corrupção não é e nem nunca foi no Brasil um privilégio das estatais. "Brasilinvest, Delfin, Coroa Brastel, Sulbrasilero, Lutfalla, Capemi. Que magnífica sequência de exemplos de corrupção e incompetência empresarial lesivos à sociedade! E não obstante, nenhum moralista financeiro veio propor a extinção da iniciativa privada", lembrou o professor da Unicamp Rogério Cerqueira Leite no artigo "Em defesa da empresa pública" ("Folha de São Paulo", 5-10-85).

Reação se une para atacar as estatais

Na realidade, como o professor Cerqueira Leite observou, a investida contra as estatais é uma das faces do conflito entre as forças conservadoras e progressistas brasileiras. "Quem quer que não for inteiramente alienado terá notado, por certo, que os indivíduos e os organismos que hoje dirigem suas farpas contra as estatais são exatamente os mesmos que sempre se colocaram em oposição à reforma agrária, à reserva de mercado no



Operários: um dos principais baluartes na defesa das estatais

Composição do déficit de caixa do setor público no primeiro semestre de 1985, segundo informações do Banco Central.

	(Cr\$ bilhões)
Operações do setor externo (contas cambiais, depósitos em moedas estrangeiras, encargos, etc)	- 29.250
Operações do Tesouro Nacional	17
Operações do Banco do Brasil	3.281
Operações do Banco Central	1.981
Outras contas	2.528
Déficit de caixa	21.440
Colocação líquida de títulos	15.229
Emissão de dinheiro ou expansão da base monetária	6.141

setor de informática e à autonomia sindical. E a favor da privatização do ensino, da extinção do sistema de previdência social e da abertura escancarada ao capital externo", salientou.

Esses setores têm apresentado, como um dos principais argumentos a favor da privatização, a necessidade de controlar as contas nacionais. Desta forma, para cumprir as metas que o FMI deseja, faz-se necessário maior corte nos gastos das estatais e mesmo sua desativação ou venda, uma tese que se aproveita do fato de serem as contas nacionais de difícil mensuração. Além de uma certa anarquia, a consolidação dos orçamentos apresenta dificuldades advindas da metodologia falha que é empregada.

Projeta-se para este ano um saldo negativo de Cr\$ 10 trilhões nas contas da União, representada pela totalidade dos impostos arrecadados subtraído dos gastos da administração direta do setor público com educação, previdência, administração pública e outros. A outra parte do orçamento refere-se aos gastos e receitas das empresas estatais e, à primeira vista, apresentaria um déficit previsto da ordem de Cr\$ 120 trilhões, perfazendo o déficit público, portanto, Cr\$ 110 trilhões, que deverá ser coberto pela emissão de dinheiro (expansão da base monetária) e aumento da dívida interna, através da venda de títulos públicos (ORTNs e LTNs).

Nesta contabilidade bastante simplificada acobertam-se números procurando justificar a campanha desencadeada contra as estatais. "Corte-se os gastos públicos, aumente-se os impostos, corte-se os dispêndios das estatais, que sejam desativadas ou vendidas". São as soluções que as forças conservadoras procuram colocar em pauta.

É preciso, na verdade, analisar a natureza desses números, observando que no orçamento da União estão embutidos os gastos referentes ao estoque da dívida interna (juros referentes a esta dívida) e, também, sem esquecer que nos gastos das estatais estão incluídos os custos financeiros onde o maior peso refere-se à dívida externa dessas empresas. Este custo financeiro é crescente: se, em 1980, representava 7,8% do dispêndio global das estatais, em 1983 esta participação passou para 16,6%.

Vale acrescentar que as estatais serviram largamente para a obtenção de empréstimos externos que muitas vezes não se destinavam a estas empresas. Além disso, nos últimos anos de regime militar desenvolveu-se um processo de

transferência do endividamento externo do setor privado para o público. Assim, reordenando a contabilidade nacional, visualiza-se onde está o rombo (veja o quadro).

Conclui-se pelas contas do governo que o déficit público tem um caráter eminentemente financeiro-externo. O déficit de caixa do primeiro semestre, computado como sendo de Cr\$ 21,4 trilhões, não deriva das operações do Tesouro Nacional, do Banco do Brasil e do Banco Central, que apresentaram um saldo positivo de Cr\$ 17,8 trilhões. A parte responsável encontra-se nas operações com o setor externo, onde funciona o mecanismo pelo qual o governo compra os dólares arrecadados pelas empresas exportadoras e os vende para as importadoras. Seu resultado reflete o superávit comercial do Brasil estimado em 12 bilhões de dólares para este ano. Estes dólares, por sua vez, são destinados ao pagamento dos juros da dívida externa. Os números mostram, portanto, que o setor público no Brasil só é deficitário devido à transferência de recursos para o exterior. Não fosse isto, os gastos do governo poderiam até ser ampliados. A postura recessiva-privatizante é, desse modo, uma forma de defender os interesses dos banqueiros internacionais.

Os "privatizantes", melhor dizendo, desnacionalizantes, vão mais além: o senador Roberto Campos, do PDS, ex-ministro do general Castelo Branco, ardoroso defensor do capital estrangeiro, teoriza com cinismo sobre privatização, afirmando que a venda das estatais deve ser realizada pelo preço justo, entendendo que seu "preço justo" não é o custo para o governo dos investimentos realizados. É o valor de mercado, de vez que o investidor não deve pagar pelos erros do governo".

É verdade que nos anos de ditadura militar as estatais foram fonte de gastos desnecessários. Mas o que o senador malufista propugna é que as empresas estatais sejam entregues a preço de banana aos investidores que, devido ao volume de recursos envolvidos, obviamente serão, em maior parte, os próprios credores estrangeiros do Brasil.

O conteúdo da campanha privatizante fica mais patente quando se analisa os mecanismos propostos para realizar a desestatização. A alternativa mais divulgada é a colocação de ações das estatais para negociação nas bolsas de valores.

Como os volumes a serem movimentados são muito grandes, a proposta é complementada com a abertura das bolsas para recursos externos. Por seu turno, o ex-presidente do Banco Central, Carlos Lago, elaborou um estudo propondo a con-

versão de créditos estrangeiros em ações de empresas brasileiras. Trata-se de uma das formas da chamada capitalização dos serviços da dívida externa via sua transformação em capital de risco, ou sejam, investimento em ações de empresas nacionais.

A venda das estatais completada com um maior aporte de capital estrangeiro para o Brasil significa um maior domínio imperialista sobre os ramos vitais da economia brasileira. A história das estatais, de como foram criadas, liga-se com os esforços para desenvolver a economia nacional. A luta vitoriosa para a instalação da siderurgia nacional e a memorável campanha de "O petróleo é nosso", que resultou na criação da Petrobrás, são fatos que contam com a antipatia e a resistência das forças imperialistas.

Mesmo a extinção do Instituto Brasileiro do Café - IBC - nos moldes como vem sendo proposta pelo ministro Roberto Gusmão e tendo como argumento a comprovada corrupção e gastos indevidos apresenta um caráter antinacional. É que do lado dos produtores de café encontramos 43 países, todos dependentes e endividados como o Brasil. Do lado dos compradores temos o cartel formado pelas "Sete Irmãs" da alimentação (General Foods, Nestlé, Toloca, Tschibo etc.), empresas monopolistas multinacionais que controlam cerca de 80% da comercialização do café no mundo. A ausência de um órgão centralizado que cuide das vendas externas e café colocaria o Brasil numa posição débil no mercado internacional. Voltaríamos à situação de 1952, quando as multinacionais dominavam com facilidade o comércio cafeeiro do Brasil e nos marcos do governo Getúlio Vargas foi criado o Instituto.

Empresas que nasceram no curso da luta patriótica

Por outro lado, o caráter patriótico da defesa das estatais não pode ser confundido com a luta pelo socialismo propriamente dito. Não significa a implantação de "embriões do socialismo", como alguns querem fazer crer. Nos marcos do capitalismo a propriedade estatal sobre os meios de produção não se identifica com propriedade social.

O que define o caráter da propriedade sobre os meios de produção não é sua forma legal e jurídica. Antes de tudo é preciso considerar o caráter de classe do Estado. Nos países de capitalismo clássico, em geral, o Estado serve também de suporte à produção das empresas privadas. Isto explica a concentração dos investimentos públicos nos ramos de infraestrutura (comunicação, energia e produção de matérias-primas etc), onde as aplicações são volumosas e o retorno é lento. No Brasil, um país capitalista dependente, por outro lado, as estatais mais importantes foram criadas no curso da luta patriótica antiimperialista, como instrumento para um desenvolvimento independente ainda que nos marcos do regime burguês - e isto que define o limite e o caráter, nacional, da luta contra a campanha privatizante e desnacionalizante.

Operários baianos em luta

Os trabalhadores e operários baianos passaram o mês de agosto e entram em setembro com um saldo positivo de lutas. O destaque fica com a greve de Camaçari - que ainda continuava quando fechávamos esta edição. As mobilizações das várias categorias têm por eixo a luta por melhores condições de vida, e por pano de fundo a nova situação política do país.

A campanha salarial deste ano em Camaçari atingiu um novo patamar. Os petroquímicos querem 88,5% de aumento. Os patrões só oferecem 76,58%. A greve estourou nas primeiras horas do dia 27, em oito empresas. Cinco dias depois, 90% das indústrias do Polo estavam paradas. O Sindicato demonstrou publicamente os lucros fabulosos do setor - somente a Copene fatura Cr\$ 30 bilhões por dia! A Bahia recolhe mensalmente 30% do seu ICM no Polo Petroquímico.

O patronato pediu a decretação da ilegalidade da greve. O Tribunal Regional do Trabalho negou - o que foi comemorado com entusiasmo pelos operários. A partir daí, segundo o vice-presidente do Sindicato, Luiz Alberto Fontes, os patrões conseguiram liminar da reintegração de posse das indústrias (ocupadas pelos operários) e apelaram para a força policial para retirar os grevistas de fábricas como a Copene, Pronor e Nitrocarbônico. Na Copene os patrões chegaram a colocar pessoas desqualificadas para operar as plantas, mesmo com equipamentos danificados - como o queimador de gases, colocando em risco a população da área!

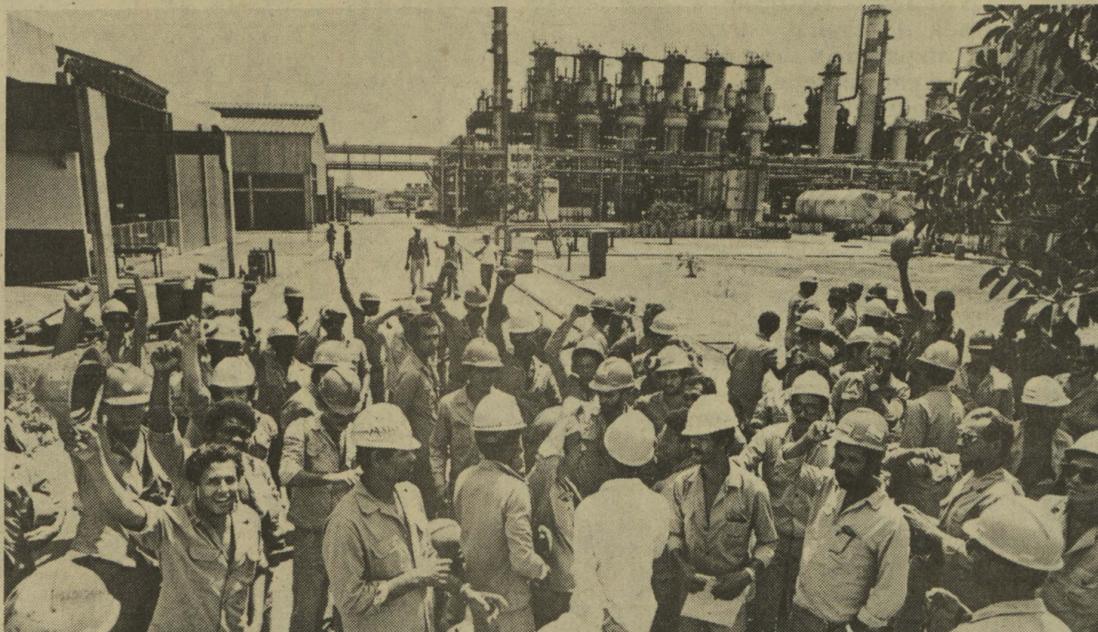
No oitavo dia de greve os 20 mil operários do Polo continuavam decididos a não abrir mão de suas reivindicações. No dia anterior mais de 500 pessoas participaram de manifestações de solidariedade aos grevistas em Salvador. As entidades populares e democráticas estão apoiando os operários. Houve inclusive uma sessão especial na Câmara de Salvador.

UM ESTADO EM LUTA

As lutas de motoristas, eletricitários ligados à Coelba, têxteis, bancários, metalúrgicos e dos químicos e petroquímicos sacudiram a Bahia. Também os garis realizaram manifestações e ameaçam parar suas atividades exigindo melhores salários.

O secretário-geral do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia e dirigente do PC do B, Renildo Souza, destaca que "são greves com adesão maciça, sem necessidade de piquetes. Conquistam vitórias econômicas ao lado do avanço da unidade, organização e elevação de consciência dos trabalhadores".

A Bahia vive os reflexos do início de sua industrialização, ocorrida a partir da década de 60 com a implantação do Centro Industrial de Aratu (CIA, atualmente com 150 empresas) e a instalação do Polo Petroquímico de Camaçari, com 24 indústrias. O Estado saiu da fase agroexportadora, principalmente da cana e cacau, passando pela descoberta do petróleo em fins dos anos 50, começando com a instalação da Refinaria de Mataripe a instalação dos trabalhadores da extração e refino do petróleo.



A classe operária de Camaçari, de formação recente, tem significativas experiências de luta

Este desenvolvimento da indústria baseou-se no tripé capital estrangeiro - grande capital nacional - capital estatal. Outra característica é que este processo se desenvolveu complementando a industrialização do Centro-Sul do Brasil.

Aratu, que abrigava as empresas de pequeno e médio porte, sofreu nos últimos anos profundo degaste. No início da década de 80, 50% das indústrias do CIA tiveram que passar o seu controle acionário para grupos mais fortes e 80% estavam em condições deficitárias. Mas foi o Polo Petroquímico que tornou-se o principal setor de investimentos dos capitalistas e dos governos federal e estadual.

Em Camaçari o operário baiano sentiu a crueldade da exploração patronal, passado certo tempo de encantamento com a possibilidade de melhorar a vida com um bom salário na indústria moderna. Os patrões do Polo tiveram inicialmente dificuldades para obter mão-de-obra qualificada. Ao lado de técnicos do sul do país e estrangeiros, o trabalhador baiano foi treinado para enfrentar a engrenagem das máquinas que produzem adubo resinas e matérias para serem reutilizadas em outras fábricas, como o plástico.

Valter Ribeiro, diretor do Sindicato, lembra que boa parte dos trabalhadores veio do comércio, dos bancos, do campo. Esta realidade no início dificultava a organização da classe, mas a diretoria do sindicato já frisava em 1979 que com o trabalho de base viria a conscientização dos "novos operários".

A primeira greve eclodiu no setor de instrumentação de uma fábrica em 1979. Antes ocorreram paralisações parciais nas empresas Nitrofétil, Paskin e Tibras, entre 1971 e 1976. Depois de 1978, com a ascensão do movimento operário e popular, cresceu a mobilização dos operários do Polo. Em 1983 foram realizadas grandes assembleias na campanha salarial.

Em 1984 algumas fábricas pararam, mas o patronato ordenou uma repressão furiosa e o Polo transformou-se num campo de guerra, com sindicalistas sendo presos e espancados pela Polícia Militar.

Na campanha salarial deste ano a disposição dos operários em arrancar melhores salários dos patrões foi ainda mais forte. A diretoria do Sindicato emitiu boletins explicativos, promoveu palestras e filmes. Gradativamente foram organizadas outras ações, como assembleias, passeatas, reuniões em portas de fábricas, greve de fome, até que os operários cruzaram os braços e o Polo parou, a partir do final de agosto.

COESÃO E UNIDADE

Os trabalhadores ocuparam as empresas. Na Polialden os operários foram pedir a mudança dos roteiros de ônibus, e os patrões responderam ironicamente: "Não conversamos com grevistas. Procurem a diretoria do seu sindicato para que resolva o assunto com o sindicato patronal". Os operários decidiram desligar o ar condicionado. Os chefes, mais tarde, saíram de suas salas sufocadas. Chamaram os operários para que religassem o ar condicionado. Mas os operários reivindicaram: "Você procuram o nosso sindicato para falar com o sindicato patronal, pois nós não conversamos com patrões".

Mesmo após terem sido expulsos das fábricas pela polícia, cerca de 700 operários não voltaram para sua casa. Preferiram ficar na Colônia de Férias do Sindicato, batizada de "Granja Novo Mundo". Os trabalhadores do setor administrativo se concentram diariamente na sede do sindicato e realizam tarefas de divulgação, esclarecimento da opinião pública e diversas outras atividades de apoio à greve.

Os operários esperam que os patrões voltem à mesa de negociações. Inclusive já pediram a interferência do Ministério do Trabalho, para vencer a

intolerância dos burgueses que recusam-se ao diálogo.

METALÚRGICOS EM AÇÃO

No rastro dessas mobilizações, os metalúrgicos da Siderúrgica do Brasil, empresa de capital misto instalada em Simões Filho, realizaram no dia 2 de setembro assembleia com 400 operários. Edgar Jorge, da Comissão de Fábrica da empresa, afirma que existe ânimo para a greve, depois de 10 anos em que seus mil trabalhadores são explorados sem brigar por seus direitos.

Suas reivindicações são 88,5% de adicional de turno, pagamento de insalubridade ou periculosidade, equiparação salarial de todas as funções, entre outras. Eles iniciaram uma negociação independente, pois a data-base foi em junho. Mas o piso salarial na empresa é de apenas Cr\$ 498 mil. Na terça-feira haverá nova assembleia da categoria.

Também 1.550 petroleiros se reuniram dia 1º no Cine Roma, e decidiram não aceitar as propostas da Petrobrás de 2% de produtividade e reajuste de 68,7% em setembro. A categoria quer 10% de produtividade e reajuste trimestral - 80% para setembro. Pode haver greve.

APOIO COMUNISTA

Ao analisar os movimentos dos trabalhadores do Estado, o metalúrgico Renildo destaca que o PC do B apoia e se vincula a esse processo de lutas operárias. "Defendemos os interesses imediatos e salariais, ao tempo em que apontamos o socialismo como a solução em profundidade para os problemas que afligem a massa trabalhadora e o país", esclarece.

Segundo Renildo, esse quadro de greves, lutas e vitórias impõe a politização do movimento e unidade em torno de questões candentes, como a suspensão do pagamento da dívida externa, a implementação da reforma agrária, fim da legislação do arrocho salarial e da lei de greve etc. (da sucursal)

Vitoriosa a greve do servidor da Previdência

O presidente José Sarney enviou, dia 4, projeto de lei ao Congresso concedendo 20% de gratificação, retroativo a 1º de julho, aos 130 mil previdenciários de nível médio do país. Trata-se de uma importante vitória dos servidores previdenciários, que chegaram a realizar uma greve nacional de mais de um mês por esta reivindicação.

O projeto deverá ser aprovado em regime de urgência, para vigorar ainda este mês. Segundo a exposição de motivos que o acompanha, assinada pelo ministro da Previdência, Walter Pires, os 20% de gratificação deveriam ter sido dados em julho, quando foram reajustados os vencimentos e salários dos servidores do Poder Executivo.

Desde o dia 12 de abril os previdenciários estão em negociação salarial. A categoria chegou a entrar em greve dia 3 de julho, exigindo vencimentos dignos. Apesar da punição de mais de 200 grevistas, o corte de pontos, exoneração e transferências arbitrárias de servidores, a paralisação manteve-se até o dia 5 de agosto. Nesta data, levando em conta a promessa do ministro Valdir Pires de conseguir o aumento (havia resistência entre os ministros da área econômica ao atendimento das reivindicações do funcionalismo) os previdenciários decidiram dar uma trégua de 30 dias ao governo, e voltaram ao trabalho.

O 4 de setembro foi o Dia Nacional de Luta dos Previdenciários. Ato público e paralisações ocorreram em vários pontos do país, pressionando o governo a dar o aumento, já que a trégua de 30 dias estava se esgotando. No mesmo dia 4 a Nova República atendeu à reivindicação salarial dos servidores concedendo os 20%.

Até o dia 9 estão marcadas assembleias de previdenciários para debater a continuidade da luta da categoria. Ainda existem problemas com a revisão da punição dos grevistas e o anseio de que sua remuneração seja igualada aos servidores de nível superior. A vitória do movimento é, sem dúvida, um fator de mobilização para novas conquistas.

Vitória da Chapa 1 no Sindicato dos Químicos de S.P.

A chapa 1 ganhou a eleição do Sindicato dos Químicos de São Paulo. De um conjunto de 10.395 sindicalizados com direito a voto, 6.562 optaram pela chapa 1; 2.062 votaram na chapa 2; 170 votos foram anulados e 73 ficaram em branco. Em que pese a derrota, a atuação da chapa 2 possibilitou um alerta para o aparelhamento do sindicato pela atual diretoria, e abriu um espaço maior para a categoria em sua entidade.

UNE propõe uma nova universidade ao país

Importantes mudanças na estrutura da universidade brasileira podem ter início ainda este ano. Pelo menos é o que propõe a União Nacional dos Estudantes (UNE) em documento endereçado ao presidente José Sarney.

O documento apresenta as propostas aprovadas no IV Seminário Nacional de Reforma Universitária. Os estudantes defendem a adaptação da universidade às necessidades nacionais. Pretendem que ela "contribua para o avanço e a consolidação da democracia, para a conquista da independência econômica e para a melhoria das condições de vida no país". Criticam os currículos atuais e pedem a formulação de outros, capazes de for-

mar profissionais e pesquisadores que auxiliem no desenvolvimento de "uma autêntica indústria nacional", de "uma agricultura voltada basicamente para atender o mercado interno" e de "condições satisfatórias de alimentação, saúde, educação, transportes e habitação para o povo".

E mais: "para a UNE, a universidade precisa ser também uma instituição a serviço do desenvolvimento cultural, combatendo o analfabetismo e preservando e desenvolvendo a cultura nacional e popular.

Os universitários criticam a política educacional em vigor durante o regime militar, responsável pela atual crise do

ensino, "a maior de nossa história". Essa política incentivou a implantação em larga escala de empresas educacionais sem qualquer qualificação acadêmica e científica, voltadas basicamente para a obtenção de grandes lucros. A UNE demonstra que as vagas oferecidas em escolas privadas representam hoje 67% do total, quando eram menos de 40% em 1964. Conforme dados do MEC, o encarecimento progressivo das mensalidades nessas escolas têm levado a que cerca de 15% dos universitários abandonem a cada ano as salas de aula.

Os estudantes propõem "a rápida expansão das vagas na rede pública",

que "a curto prazo precisam ser novamente majoritária". Querem a criação de novas escolas públicas em regiões que delas necessitam. E defendem uma fiscalização rigorosa nas escolas particulares, para impedir os aumentos abusivos de mensalidades e garantir condições decentes de ensino e pesquisa.

ANISTIA AOS PROFESSORES

Por fim, o documento argumenta em favor da anistia aos professores que, cassados por atos institucionais, que ainda não foram reconduzidos aos cargos que ocupavam, bem como da reformulação dos estatutos e regimentos internos, marcados pelo autoritarismo. Reivindica ainda mudanças na composição dos órgãos colegiados que gerem as escolas e na forma de escolha de seus dirigentes.

Para Renildo Calheiros, presidente da UNE, essas medidas constituem uma verdadeira reforma universitária, e "incluem-se entre as várias transformações de que o país necessita para superar a herança indesejável do regime anterior e partir para uma nova fase, de progresso".

A UNE pretende iniciar imediatamente a mobilização dos estudantes para obter três conquistas. Uma delas pretende beneficiar particularmente os trabalhadores: "Após a aplicação da emenda João Calmon, que acabamos de alcançar, queremos a implantação de cursos noturnos em todas as escolas públicas", diz Renildo. As outras visam alteração dos currículos, incluindo seminários sobre a Assembleia Constituinte, e a nomeação para as reitorias dos candidatos que tiverem sido eleitos democraticamente em suas universidades. (Ação de Marlene, diretor da UNE)



Os líderes secundaristas com Maciel

Diretoria da UBES é recebida pelo ministro Maciel

Pela primeira vez, desde o golpe militar, diretores da UBES - União Brasileira de Estudantes Secundaristas - encontram-se com um ministro da Educação. Isto aconteceu no dia 30 de agosto, quando diretores da UBES e vários representantes de entidades municipais de secundaristas se reuniram com o ministro Marco Maciel.

O objetivo do encontro foi o de informar ao Ministro as resoluções do último Congresso da UBES. Maciel se comprometeu a estudar e encaminhar projetos que atendam às reivindicações dos estudantes.



As resoluções do IV Seminário de Reforma Universitária da UNE serão levadas ao presidente José Sarney

Leia e assine
TRIBUNA
OPERÁRIA
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Metalúrgicos formam chapa de oposição na Federação paulista

No dia 18 de novembro ocorrerão as eleições para nova diretoria da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo, entidade que congrega 34 Sindicatos e representa cerca de 900 mil operários em todo o Estado. Desta vez, a atual diretoria, que controla a entidade estadual há 20 anos, terá que disputar o pleito com uma chapa de oposição representativa e respeitada. A chapa é encabeçada pelo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, Antonio Toschi, e tem como vice-presidente Antonio Guerreiro, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Ribeirão Preto.

Segundo Toschi "a nossa Federação infelizmente não corresponde ao avanço das lutas sindicais dos últimos anos. A diretoria é muito fechada, antidemocrática. Argo dos Santos, presidente da Federação, centraliza todo o trabalho na sua mão, numa postura autoritária".

Demonstração disto, diz Toschi, é que 21 Sindicatos filiados solicitaram em abaixo assinado que a atual diretoria fizesse uma discussão ampla sobre o plano de ação sindical da entidade e só depois escolhesse a futura direção. Mas a diretoria recusou o processo democrático.

Para Toschi, "o principal defeito da atual diretoria chama-se ditadura. A Federação não contribui com a organização no interior, não promove a formação sindical dos dirigentes classistas e nem se democratiza. Isto apesar de receber os 15% de Imposto Sindical de cada metalúrgico do Estado". Só de Osasco, a Federação recebeu neste ano Cr\$ 200 milhões!

A chapa oposicionista como principal ponto de seu programa de ação sindical a dinamização da entidade estadual. "Com uma diretoria dinâmica e atual, a Federação se colocará à altura das mobilizações operárias e populares do Estado e do país", conclui Toschi.

Motoristas obtêm vitória na primeira greve em Alagoas

Pela primeira vez na história de Alagoas, os motoristas de ônibus da capital e do interior realizaram greve para reivindicar melhorias salariais. A paralisação deflagrada a partir de sete horas de segunda-feira, dia 2, teve adesão imediata de 100% da categoria. Nenhum ônibus circulou pelas ruas de Maceió. Tudo isto apesar da vacilação da diretoria do Sindicato dos Condutores, que se mostrava amedrontada com as consequências do movimento com esta.

Com o sucesso da greve, os donos de empresas, que até então se mostravam irreductíveis, tiveram que recuar e no princípio da noite da mesma segunda-feira chamaram o Sindicato para negociar. Embora não tenham conquistado o aumento reivindicado inicialmente, os motoristas e cobradores conseguiram 105% de reajuste salarial em setembro e novo reajuste em novembro. A luta agora é do povo alagoano, que apoiou decididamente a paralisação, porque os empresários e o prefeito biônico do PDS querem repassar os aumentos para o preço das passagens do transporte. (da sucursal)

Sergipanos unidos na luta salarial realizam passeata

Cerca de 4 mil trabalhadores sergipanos realizaram passeata pelas ruas de Aracaju, na semana passada, numa manifestação unitária das várias categorias que se encontram em campanha salarial. Professores, bancários, funcionários da universidade federal (em greve há duas semanas), petroquímicos, mineiros da Petronisa e condutores de ônibus, todos em luta salarial, participaram do ato. Apesar da estreiteza política das correntes petistas, que impediram que várias entidades sindicais e partidos políticos falassem na manifestação, a passeata representou um salto na unificação dos trabalhadores.

O centro da manifestação foi a defesa dos reajustes trimestrais e do aumento real de salários. Vários oradores criticaram a manutenção da política econômica recessiva que arrocha os salários, a exemplo dos funcionários da Universidade Federal que recebem em média apenas Cr\$ 320 mil por mês. Por sua vez, os bancários sergipanos reafirmaram sua disposição de entrar em greve a partir do próximo dia 11. (da sucursal)

Milhares de operários iniciam luta salarial em São Paulo

Com a assembléia dos metalúrgicos da capital na sexta-feira, dia 30, foi dada a largada na maior operação de campanhas salariais dos operários do Estado de São Paulo no ano. Segundo dados parciais do Dieese, são mais de 50 categorias proletárias da capital e interior, englobando quase um milhão de trabalhadores, lutando por suas legítimas reivindicações.

Nos próximos quatro meses de 1985 São Paulo promete esquentar em termos de mobilizações proletárias e de confronto de classe com o patronato. Metalúrgicos da capital, Osasco e Guarulhos (somando mais de 450 mil trabalhadores), químicos, têxteis, gráficos, vidreiros, marceneiros, assalariados na indústria de alimentação e de papel e papelão, entre outros, estão em campanha salarial. A batalha se estende por todo o Estado, atingindo as mais distantes cidades do interior paulista.

O grosso destas categorias enfrentará o empresariado unido em torno de uma única entidade, a Fiesp. E, pelas declarações dos patrões e principalmente por sua atitude arrogante diante da greve dos metalúrgicos do ABC e do restante do interior paulista, já se aguarda um período de negociações bastante duro. A Fiesp garante que não concederá aumentos salariais superiores ao defasado INPC e que não cederá o reajuste trimestral. Quanto à estabilidade no emprego e ao reconhecimento das comissões de fábrica, recusa-se a conversar.

A maioria dos sindicatos operários envolvidos nesta jornada de lutas, segundo declarações de vários de seus dirigentes, garantem que a "greve é inevitável". Neste sentido, entidades como a dos metalúrgicos e têxteis de vários municípios preparam a deflagração do movimento paredista. E, segundo a mesma liderança, há boa receptividade à proposta de paralisação nas bases proletárias. A campanha salarial está centrada basicamente em cinco itens reivindicatórios: aumento real de salário, reajuste trimestral, estabilidade no emprego, redução da jornada de trabalho sem redução salarial e reconhecimento das comissões de fábrica.

PRIMEIRAS ASSEMBLÉIAS

Pelas primeiras assembléias realizadas, nos metalúrgicos de São Paulo e Osasco, ainda é cedo para prever o desfecho da luta salarial. Em Osasco, mais de 500 trabalhadores participaram da assembléia do dia 30, num clima de grande disposição e unidade. Segundo Antônio Toschi, presidente do Sindicato, "a tendência é a luta ir num crescendo a cada semana e com o aumento da participação nas assembléias".

A base operária da região de Osasco é bastante mobilizada: dos 37 mil metalúrgicos, 24.200 são sindicalizados; e cerca de 80% da categoria já conquistou a redução da jornada para 45 horas semanais em inúmeras lutas isoladas por empresas. At a Cobrasma, firma do presidente da Fiesp, Bruno Vidigal, teve que ceder a redução. Toschi afirma: "Se a Fiesp bater o pé, contando a trimestralidade e recusando-se a conceder o aumento real de salário, fatalmente haverá greve geral na região".

Já na assembléia dos metalúrgicos da capital, mais de 4 mil operários estiveram presentes, numa categoria com 330 mil trabalhadores. Apesar da dis-



Assembléia dos metalúrgicos da capital: falsa polêmica dificulta início da luta salarial

A mentira de que os salários causam inflação

Para fazer frente à safra de campanhas salariais deste segundo semestre, o patronato, com auxílio de alguns tecnocratas, volta a público para discursar sobre "o caráter inflacionário das reivindicações trabalhistas". Ataca, em particular, a exigência de reajustes trimestrais, reposição das perdas e aumentos reais dos salários.

No combate ao regime militar, as oposições aprenderam que argumentos desta natureza não passam de balelas que mal disfarçam o interesse de manter e ampliar até os últimos limites a superexploração a que os trabalhadores são submetidos pelo capital.

Final, se não bastassem os argumentos produzidos pelas oposições, o exemplo da história ininterrupta de arrocho salarial - combinado com uma inflação cada vez mais crescente e insuportável - particularmente durante os últimos anos de regime militar, constitui uma amostra, aliás com evidências em excesso, do caráter cínico e mentiroso dessas teses patronais. Em 1983, por exemplo, ano dos decretos 2012, 2024, 2045 e 2065, a massa real dos salários reduziu-se em 20%, enquanto o Índice Geral de Preços (IGP), a inflação, evoluiu para 211% contra 99,7% em 82, segundo informações oficiais (não custa lembrar) do Ministério do Trabalho. O arrocho salarial entre 1980 e 84 foi brutal como indica a evolução do salário mínimo, que dá uma dimensão do fenômeno (veja no quadro: a inflação não caiu). A produtividade do trabalho no período, por outro lado, aumentou em 23%, e

SALÁRIO MÍNIMO REAL E INFLAÇÃO (IGP) ENTRE 1980/84.

Ano	Salário Mínimo Real	INPC	IGP
1980	100	95,3%	110,2%
1981	101,2	91,2%	95,2%
1982	102,7	97,9%	99,7%
1983	93,6	179,1%	211,0%
1984	86,2	203,3%	223,8%

de uma forma geral, os custos empresariais sofreram redução. No governo Figueiredo, para um reajuste de 10,557% do salário mínimo, o arroz-agulha subiu 21.552%, o feijão-preto 15.809%, o leite especial 21.067%, o óleo de soja, 21.975%, a gasolina 22.504%. São dados por demais ilustrativos.

No caso da trimestralidade, há que se dizer que os assalariados não buscam, com ela, atingir aumentos reais dos rendimentos, mas apenas reais, e em parte, as perdas decorrentes do processo inflacionário. É sabido que a depreciação continuada da moeda conduz a uma diminuição proporcional no valor real dos salários - que anda sempre abaixo do valor nominal. Assim, numa modesta taxa de 8% de perdas ao mês decorrentes da inflação (e não é o caso de um índice de 14% como ocorreu em agosto) um operário com salário nominal de Cr\$ 500 mil ganhará, na verdade, apenas Cr\$ 339.772 por mês no período de um semestre, quando terá acumulado uma perda no valor de Cr\$

2.038.635. A trimestralidade não elimina completamente o prejuízo (que é ampliado pelo capital), mas o reduz. Esse processo de arrocho vem sendo agravado historicamente e, hoje, as perdas em três meses correspondem aproximadamente às perdas anuais no período 1974/78, quando a alta dos preços ocorria a níveis menos elevados. Trata-se, por isto, de uma luta para recuperar a capacidade aquisitiva existente na década de 1970.

Os assalariados são as principais vítimas da inflação e é sobretudo a eles que interessa o sério combate deste problema. Mas não podem concordar, em absoluto, que isto sirva de pretexto para manter e ampliar a superexploração. Não deixa de ser cómplice o crescimento onde segundo o Ministério da Agricultura, existem 90 milhões de famintos. É hora de falar e exigir, isto sim, a redução dos fabulosos lucros das multinacionais e, especialmente, dos banqueiros estrangeiros.

questão menor, o desconto da contribuição assistencial, para dificultar o andamento da assembléia.

posição de luta manifestada, com os trabalhadores gritando "se tirar o trimestral, é greve geral", a reunião foi

enfraquecida pela postura inconsequente da chamada oposição sindical. Mais uma vez o grupo se apeçou a uma

Bancários anunciam greve nacional para o dia 11

Os bancos não funcionarão a partir do dia 11. Nesse dia terá início a greve nacional dos bancários, que lutam por salários dignos. Eles enfrentam a cobiça incontida dos banqueiros que, embora tenham obtido mais de 5.500% de lucros entre 1979-1984, e continuem faturando alto neste ano, não querem dar um reajuste decente aos seus funcionários.

Os bancários estão mobilizados em todo o país. No dia 28, Dia do Bancário, realizaram manifestações em inúmeras cidades, inclusive passeatas com 30 mil pessoas em São Paulo e 10

Para Álvaro Gomes (acima), "a categoria está unida", como comprova a passeata em Campinas com cerca de 10 mil bancários.



Foto: Milton Mendes Filho

mil no Rio de Janeiro. Em Maceió, Alagoas, o governo do PDS, de Divaldo Suruagy, soltou os policiais em cima dos trabalhadores. Houve inclusive prisão e espancamento de bancário.

Após o êxito dessas mobilizações - que envolveram inclusive cidades do interior -, a categoria realizou um Encontro Nacional, em Campinas, dia 31, com a participação de 70 mil bancários, representando os 700 mil trabalhadores em bancos do país, seguido de passeata pelas principais ruas da cidade. Nesse Encontro foi decidida a realização da greve, a partir do dia 11.

"Não existe greve legal ou ilegal. Existe greve vencedora ou perdedora, e a que nós vamos realizar será vencedora. Precisamos conseguir acertar o salário da categoria, que é humilhante", afirmou o presidente da Federação dos Bancários de São Paulo, Mito Grosso e Mato Grosso do Sul, Eriberto Manoel Reino, que presidiu o Encontro Nacional. A pauta de reivindicações dos tra-

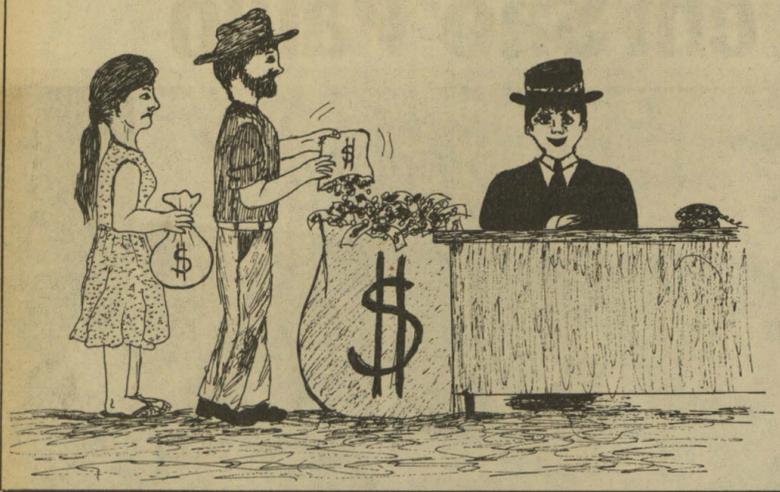
lhadores se estende por 51 itens, mas existem alguns pontos centrais: a incorporação dos 25% de reajuste conquistados pela categoria em julho ao salário; reajuste trimestral; piso salarial de Cr\$ 1.170 mil; e fim do trabalho gratuito.

Para Álvaro Gomes, da diretoria do Sindicato da Bahia, "no país inteiro vai ter greve. Mas não nos interior têm ocorrido mobilizações. A categoria está unida. Mesmo divergências entre correntes sindicais que atuam entre os bancários ficaram em segundo plano, devido às pressões da base pela unidade na luta".

Este último dado salientado por Álvaro explica a aprovação por unanimidade da greve no Encontro Nacional, em Campinas. Porém nem tudo são flores. No próprio Encontro houve flagrante cupulismo: delegações vieram da Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul e de inúmeros outros locais e participaram de uma reunião que não chegou a três horas de duração, sem que tenha havido um aprofundamento das questões organizativas da greve, e mesmo sem uma discussão política do momento em que se dá a paralisação. É um problema que precisa ser superado, para que a categoria consiga garantir uma luta unida e mobilizadora, até a conquista de suas reivindicações mais sentidas.



BANCO DO BRASIL



Espoliação do Banco do Brasil em Sinop

Venho por meio desta carta fazer-lhes uma denúncia sobre o Banco do Brasil de Sinop, Mato Grosso. Há 4 anos que o Incra trouxe ao Mato Grosso agricultores do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e outros Estados, todos pais de família. Chegando aqui na região de Terra Nova o Banco do Brasil apareceu dizendo ajudar os pobres agricultores. Precisando trabalhar, tendo os títulos em mãos, marcharam para Sinop e fizeram seus financiamentos.

No primeiro ano foram

todos bem; conseguiram pagar o banco. Outra vez fizeram financiamento, mas infelizmente não se saíram bem como todos esperavam. Também veio a malária. A lavoura não deu para pagar o banco e a malária continuava fazendo as suas vítimas. As pobres das viúvas até hoje sofrem sem poder pagar o banco e este por sua vez continua em cima pra receber juros e mais juros. E outros não conseguiram pagar por não ter chovido o suficiente. Agora, passado algum tempo o banco quer

tomar os lotes.

Senhores jornalistas, vamos ver se esta notícia chega até o nosso presidente, pois precisamos fazer alguma coisa por estes pobres que vem sofrendo muito. E agora temem ficar sem suas terras. Se o banco prorrogar suas contas e ter mais um pouco de paciência eles poderão pagar as suas contas e continuar com suas terras que adquiriram com tanto sacrifício, passando até fome.

(Maria da Silva, Terra Nova, Mato Grosso)

Grileiro age com apoio da polícia em Caetité

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a comissão Pastoral da Terra, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), de Caetité vem tornar público e repudiar as grilagens que estão sendo vítimas os trabalhadores rurais deste município. O grileiro é o senhor Manoel Pedro da Silva Mascarenhas e que chegou a Caetité há poucos anos.

Os trabalhadores vêm tendo suas propriedades invadidas por este senhor. Alguns resistiram. Cercas são feitas por ele e derrubadas pelos trabalhadores rurais. Recentemente houve o caso de Dona Rosa. Esta

senhora de 78 anos de idade trabalha com seus filhos em regime de família numa pequena propriedade.

Manoel Pedro comprou uma propriedade de Antenor, vizinho da velha. O comprador avançou nas terras que não eram suas. Nessa parte de terra onde Manoel Pedro grilou estava trabalhando o genro de dona Rosa, o senhor Abílio, roçando o terreno. O grileiro ordenou que ele parasse de roçar, caso contrário ele o "cortaria".

O sr. Antônio de Brito Silva, proprietário de uma fração de terra vizinha à dona Rosa, teve também a sua propriedade invadida

por Manoel Pedro. Outros que tiveram suas propriedades invadidas reagiram derrubando as cercas.

Esteve no local o delegado de polícia, comandando dois policiais e também um senhor, que como diz dona Rosa, ser de paz e que de paz não tem nada. Os policiais deram tiros e amedrontaram a velha para que lhe entregasse os documentos. Todos estes apoiando o grileiro.

Apelamos para que a justiça dê mais atenção a esses casos de questão de terra. Chega de arbitrariedades. Abaixo a grilagem. Abaixo a violência. (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caetité, Bahia)

Latifundiário de Porco faz ameaças a posseiros

A Executiva municipal do PMDB vem a público denunciar o conflito de terras generalizado no município de Batalha, na localidade de "Porco". Lá, o latifundiário José Nicodemus Castro, de maneira absurda e imoral, com ameaças de morte, proibiu um morador de plantar ou fazer seu roçado

José Nicodemus anda pelas ruas de nossa cidade

vangloriando-se por não ter permitido o morador fazer uso de suas terras, pois, para ele, quem quer terra deve comprar. Ainda diz que conta com o apoio do prefeito Machado Melo, do PFL. No nosso ponto de vista, este prefeito é um dos maiores corruptos desta redondeza. Sua reputação anda baixa devido à sua administração voltada para a corrupção, ao abuso de poder, ao desrespeito a todo

o povo. A cidade encontra-se em total abandono.

Entoamos este apelo às autoridades do Incra e ao Ministério da Reforma Agrária para que tomem as devidas providências para que seja coibido este abuso o mais breve possível e que este latifundiário aprenda a respeitar os que trabalham na terra. (Antonio Costa da Silva, presidente do PMDB de Batalha, Piauí)

'A vida na Glasslite é uma prisão'

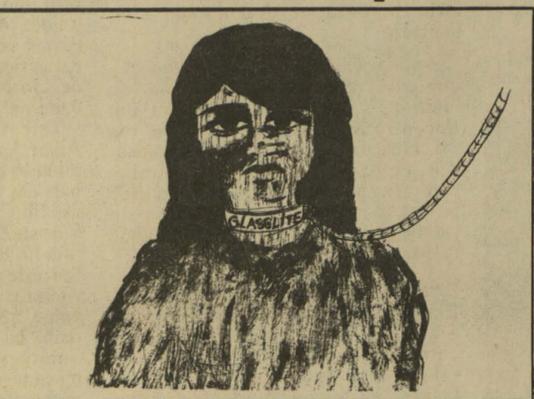
Trabalhamos na fábrica de brinquedos Glaslite, mas queremos contar que a vida aqui não é brincadeira. Pelo contrário, é uma verdadeira prisão. Na Glasslite trabalham uns 500 operários, na sua maioria mulheres - onde eles encontram mais facilidade para explorar.

Aqui os chefes, na sua maioria japoneses, nos obrigam a fazer horas extras todos os dias, inclusive aos domingos. O refeitório não tem as menores condições para servir refeição. Cabe no máximo 20 pessoas. As demais tem que almoçar em pé.

Chiquinha, que é uma das chefes, só deixa as operárias irem no banheiro duas vezes

ao dia. Tem um chefe carasco que até jogou uma peça em uma operária. Além de tudo isso eles pagam um

salário de fome, o mais baixo de toda a região da Móoca. (Operárias da Glasslite, Móoca, São Paulo, SP)



PDS deixa 313 alunos sem escola

Estamos assistindo mais uma das vergonhosas medidas do confuso e desmoralizado governo João Durval. Desta vez o alvo são 313 alunos da 5ª a 8ª série da Escola Borges dos Reis. A novela retrógrada e reacionária teve início em outubro do ano passado quando o governo estadual, visando beneficiar uma das facções que o apóia baixou decreto autorizando a criação dos níveis II e III (5ª a 8ª) na Escola Borges dos Reis, que antes funcionava somente com o 1º grau nível I (1ª a 4ª).

Em janeiro, para satisfazer a outra facção que o apóia liderada pelo prefeito, estendeu o ensino da Escola Presidente Médici até a 8ª série, passando a funcionar com menos de 200 alunos. Houve imensa evasão de alunos do único colégio que existia, pertencente a CNEC,

para os dois colégios públicos e gratuitos criados na cidade.

Só que em abril, por optar pelo grupo do prefeito, o governador João Durval anulou o decreto de criação da extensão da Escola Borges dos Reis, deixando 313 alunos estudando ilegalmente e os professores sem salários, que continuaram lecionando, não fazendo nenhuma denúncia do ato do governador. Preferiram "acordos" e conchavos nos bastidores para tentar mudar esse caótico quadro, enquanto os alunos continuam estudando numa escola inexistente e ilegal.

Chega de traficar com os interesses do povo paratinguense! Vamos varrer da nossa cidade e do nosso estado o atraso, a incompetência e a corrupção! (Setor Jovem do PMDB - Paratinga, Bahia)

Estudantes nas ruas exigem mais liberdade

Mais de 700 estudantes do Centro Educacional Alfredo Dutra (2ª) de Itapetinga, na Bahia, realizaram uma passeata no último domingo dia 23 reivindicando da direção da escola medidas no sentido de melhorar o nível de ensino, garantir a liberdade e autonomia para o Centro Cívico e maior democracia para os alunos, entre outras.

A manifestação foi liderada pelo Centro Cívico, cujo presidente, Welliton Machado Ferreira, foi por diversas vezes ameaçado pelo diretor da escola, o professor José Otávio Bahia, que se mostra incapaz de conviver com o novo clima

de liberdade existente no país. Welliton Ferreira foi chantageado de várias formas para abrir mão de reivindicar os legítimos direitos dos estudantes. A direção do colégio já falou inclusive em expulsá-lo.

Os alunos, porém, demonstram mais uma vez um forte espírito de luta e estão dispostos a não se dobrarem diante da reação antidemocrática do professor José Otávio Bahia. No dia 23, a passeata foi precedida por uma manifestação dentro do Centro Educacional e concluída com uma concentração na praça central da cidade. (Amigos da TO de Itapetinga, Bahia)

Bairro de Barcarena não aceita miséria

O Bairro Novo de Barcarena se organiza para combater o desemprego, a falta de moradia, posto médico e de creches. Estes problemas foram agravados pela política entreguista dos militares, quando entregaram toda a riqueza do subsolo do Pará ao imperialismo. Barcarena é a cidade produtora de alumínio, através do complexo Albrás/Alunorte. Mas estas riquezas não são destinadas ao povo brasileiro, particularmente ao povo do Pará. E as

consequências são graves: o homem do campo perde sua terra, a construção civil está sendo desativada e a fábrica só aceita força de trabalho especializada. O resultado é um contingente imenso de homens sem trabalho, sem casa, sem alimentos para seus filhos.

É com essa necessidade que os moradores do Bairro Novo se levantam dizendo não à violência do desemprego, da miséria, exigindo direito à vida.

Reunidos ontem, dia 18, em assembléia geral fundamos nossa associação de morado-



A riqueza do alumínio não fica em Barcarena

res. A 1ª secretária, dona Alcinda falou que o povo unido e organizado vencerá e conclamou as mulheres a fazer forte a nossa associação. O presidente Antônio Pinheiro falou de nossos problemas e apresentou os documentos que levam nossas reivindicações aos poderes públicos. Quando um orador, ex-camponês, falou na reforma agrária, o entusiasmo foi grande. Ele disse: "Vamos fazer a reforma agrária para podermos ter as nossas terras de volta".

(Um associado e leitor da TO, Barcarena, Pará)

"Mercadorias sobe fácil e salários só com greve"

Ninguém ignora as dificuldades que vem aumentando dia a dia, originado pela inflação, desemprego e a violência. A gente ouve tantos falar em baixar a inflação no jornal, rádio e televisão. Mas a gente vai nos supermercados e estão remarcando as mercadorias. Há poucas semanas eu cheguei em casa muito tarde e não deu nem tempo de tomar um lanche antes de ir no meu culto religioso. E tomei um copo de leite pequeno e me cobraram Cr\$ 600. Na segunda vez Cr\$ 700 e na terceira vez Cr\$ 800, diferença de três a cinco dias.

No dia 19 de julho eu comprei um bujão de gás por Cr\$ 16 mil e no dia 23 meu vizinho já

pagou Cr\$ 18.200. Os preços das mercadorias sobem com facilidade, mas para a gente conseguir um bom aumento de salário precisa fazer greve. Eu já ouvi falar pelo rádio, que só no Estado de São Paulo existem 130 mil alqueires de terra boa. Então por que não dar para esse pessoal sem terra?

Aqui vão algumas sugestões minhas para o equilíbrio econômico: 1º) Parar de fazer empréstimo no exterior. 2º) Dar mais valor ao trabalhador, pois ele precisa ganhar o suficiente para alimentar bem para produzir o trabalho. 3º) Controlar os banqueiros e baixar os juros. (Um camponês, Campinas, São Paulo)



fala o POVO

Neste número publicamos três cartas que mostram a situação dramática do homem do campo, na sua luta por um pedaço de terra. Damos destaque a uma denúncia vinda da região de Terra Nova, no Mato Grosso, relatando as mesquinhas praticadas pelo Banco do Brasil em Sinop, contra os lavradores que poderão perder suas terras. Tais fatos deixam em evidência a necessidade urgente da reforma agrária. Continuem a nos escrever leitores! (Olívia Rangel)

Ao PC do Brasil

Grito teu nome Partido, com força com orgulho, e a emoção me consome ao lembrar os camaradas que se foram, e a ordem social ainda não mudou.

Avante camaradas! à vitória, com amor, com ternura, e a violência devolvida à sua origem.

A luta dos que se foram é o hino para o novo mundo.

Liberdade virá, com a queda dos mediocres pela força do nosso ideal. Eternamente.

(Ailton Freitas, Canoas, Rio Grande do Sul)

Sonho realizado

Buscando com humanismo; um sorriso amigo da igualdade! enalteço o mastodonte comunismo; que é a chave da liberdade

Rebrilha em mim a sinceridade; hoje vive um grande acontecimento! nosso partido entra na legalidade! viva os comunistas! fora o tormento.

A pátria estava no desalento; deixando nosso partido na escuridão! hoje saímos do grande lamento; fora generais, fora mundo-corrupção.

Somos comunistas, queremos união; poremos fim no marasmo brasileiro; não aceitamos este sistema-aflição! iremos nos livrar do capital estrangeiro.

Imensamente este povo guerreiro; marchará para honra e glória! ao lado do partido verdadeiro; partindo para a grande vitória.

Leve meu amor ordeiro; avante povo varonil! desenvolvimento, é nosso tiro certo! salve o Partido Comunista do Brasil. (Inaldo Inácio do Espírito Santo, Recife, Pernambuco)

CHICOTE ONTEM, MAIS VALIA HOJE, E AMANHÃ?

"liberté", "igualité", "fraternité". quanta "sabedoria", quanta esperteza, quanta sutileza! escravos, servos, propriedade dos senhores soberbos e maus. não, não! os tempos mudaram! Não podemos mais sustentar o reclamo dessa classe que não quer mais trabalhar sob o chicote, sob a expropriação direta do seu sobre-trabalho. inventaremos novas formas de arrancar-lhes o seu suor, seu sangue, de fazer essa classe infeliz de escravos e plebeus, sustentar os nossos vícios, nosso ócio, nossa pompa e soberba! nos alicietamos a essa nova classe - a dos burgueses - que ameaça ocupar o nosso espaço é de origem plebéia, mas são espertos e sagazes. Sem eles não poderemos mais dominar NOVOS IMPÉRIOS DOS TEMPOS "NOVOS"! não aceitamos mais chicote, o tributo? pois bem, nós os mudaremos! troquemo-los! a esse, vocês não verão, é invisível! com esse trabalho, produzirão mais sem reclamar. E tudo dentro da lei! serão, por fim, o que querem. "Livres"! nos renderão muito mais! (Ana Maria Magalhães, Recife, Pernambuco)

(A todos os operários, camponeses e explorados, desse nosso imenso país. Unidos, essa força é invencível, inquebrantável, titânica!)

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Futebol liberado para importar craques pelo CND

O CND (Conselho Nacional de Desportos) alterou a lei que regulamenta a contratação de jogadores de futebol estrangeiro. Agora, cada clube poderá ter dois atletas de nacionalidade estrangeira em seu plantel. E após três anos de permanência no mesmo clube, o passe do gringo é nacionalizado, abrindo vaga para mais um emigrante.

Manoel Tubino, presidente do CND, acha que com esta medida o futebol ganha uma contribuição para melhorar o nível técnico. Besteiras! Os nossos clubes não têm dinheiro nem para contratar revelações dos campeonatos sertanejos, quanto mais para trazer astros internacionais. Os dirigentes apóiam Tubino e esperam, com a barata concorrência do futebol sul-americano, comprimir os salários e o valor do passe dos atletas brasileiros. Outra besteira, pois os jogadores que eventualmente se transferirem desses centros para o Brasil competirão com os nossos jogadores médios e não com craques super-valorizados como Zico, Renato, Casagrande etc.

Nas décadas de 60 e 70, boa parte dos craques da América do Sul eram contratados pelos grandes clubes de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. Quase todos os grandes times desse período de ouro da história do nosso futebol tinham pelo menos um gringo na escalação. No campeonatoíssimo e imbatível Santos de Pelé, jogavam os argentinos Cejas no gol e Ramos Delgado na zaga central. O Palmeiras,

dos dias gloriosos da Academia, o peruano Gallardo e o arqueiro paraguaio Perez. E, mais tarde, os atacantes uruguaios, Hector Silva e Artime, e o armador argentino Madurga fizeram a alegria da torcida esmeraldina. Em Porto Alegre, o chileno Figueiroa tornou-se uma lenda no Internacional, bicampeão brasileiro de 1975 e 76. Sem esquecer que Anchetá, revelado pelo Nacional de Montevideo para a Copa de 1970, foi um dos mais perfeitos jogadores do Grêmio. O Atlético Mineiro até hoje não encontrou substituto à altura de Mazurkiewsk, goleiro uruguaio da mesma época. E a torcida do Cruzeiro lembra com saudade a segurança de Perfumo, central comprado do Boca Juniors de Buenos Aires, no comando da sua defesa.

Reies e Doval no Flamengo, Pedro Rocha e Pablo Forlan no São Paulo, Andrada no Vasco, Fisher no Botafogo, é grande a lista dos ídolos estrangeiros em gramados do Brasil. Isto sem falar em Dacunto, Villadóniga, Sastre e muitos outros craques do passado mais distante.

Mas, ao contrário do que agora afirmam os cartolas, eles não estavam aqui para melhorar o nível técnico, mas sim porque se igualavam à excelente qualidade do futebol que então se praticava no Brasil. Qualidade que, fortalecendo as bilheterias, permitia atrair os astros do futebol sul-americano para os nossos estádios. Uma equação simples e concisa que não entra na cabeça dos cartolas nem com a marreta e talhadreira. (Jessé Madureira)

Avaeté, uma forte denúncia do extermínio dos índios

Em meados de 1963, a mando da firma Arruda e Junqueira, de Cuiabá, Francisco Amorim de Brito promoveu o "Massacre do Paralelo Onze", bombardeando e assassinando todos os índios Cinta-Larga da região. Em 1976 o padre Rodolfo Lukenbein, que defendia interesses dos índios, foi assassinado por latifundiários. Somando fatos como estes, Zelito Viana acaba de lançar um filme que merece ser visto, refletido e debatido por todos os brasileiros: "Avaeté, a Semente da Vingança".

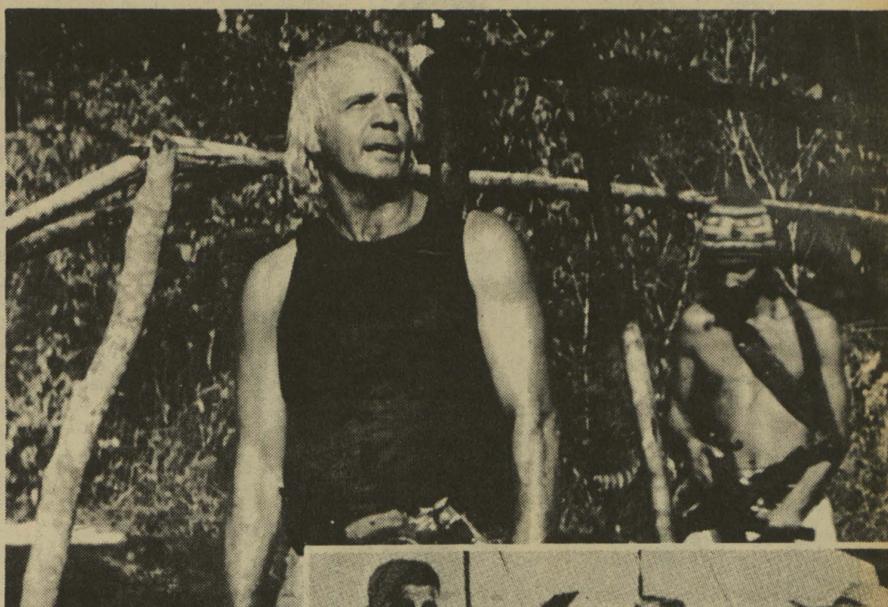
Interessada em apropriar-se das terras dos Cinta-Larga em Aripuanã, Mato Grosso, a firma Arruda e Junqueira mandou para a região um bando de pistoleiros. Um avião foi utilizado para dinamitar a aldeia. Jagunços em terra mataram a golpes de facão e tiros os sobreviventes. Um bebê foi abatido enquanto sua mãe era estuprada. Depois ela foi amarrada numa árvore pelos pés e seu corpo partido ao meio a golpes de facão. Ali viviam 30 índios, mas apenas dois puderam contar a história.

O episódio foi reconstruído por Zelito Viana em seu filme "Avaeté". Diz o diretor sobre os índios. "Cada dia que passa mais difícil se torna a sobrevivência dessas gentes cuja forma de viver nós, os chamados civilizados, já perdemos há muito tempo. Cada dia que passa lideranças são assassinadas, aldeias são destruídas, sobreviventes são aculturados. Terras são griladas. Até quando?"

SEMENTE DA VINGANÇA

A partir do massacre, Zelito conta em seu filme a história de Ramiro, cozinheiro da expedição de extermínio dos índios (uma grande interpretação de Hugo Carvana), que não sabia a que se destinava o grupo que embrenhara nas selvas e o contratara. Ramiro arrepende-se de ter participado do massacre e adota Ava, menino de oito anos que sobrevive à sanha dos jagunços. Denuncia a um padre o aniquilamento da aldeia. A denúncia vai parar nas mãos de um deputado que quer o seu elucidamento. O padre é assassinado; o deputado morre em um acidente suspeito; Ramiro é internado num hospício; policiais que investigavam o genocídio são retirados do caso. Nesse meio tempo o sobrevivente Ava torna-se homem e planeja vingar-se da matança de seu povo. Uma repórter denuncia a relação de amor e morte do padre, do deputado, a "loucura" de Ramiro e o massacre da aldeia indígena.

Com muita ação, a bonita trilha e a sonoridade de Gilberto Gil e as belas fotos de Edgar Moura, "Avaeté" é um desses momentos em que o cinema integra-se com a realidade sem abrir mão da poesia. Os recursos de Zelito Viana para concretizar sua obra-denúncia são os mais variados. Desde os diálogos, onde ponteam falas como a do empresário que



O filme de Zelito Viana (foto maior) reconstrói o massacre dos Cinta-Larga, onde uma índia foi cortada ao meio (foto menor)

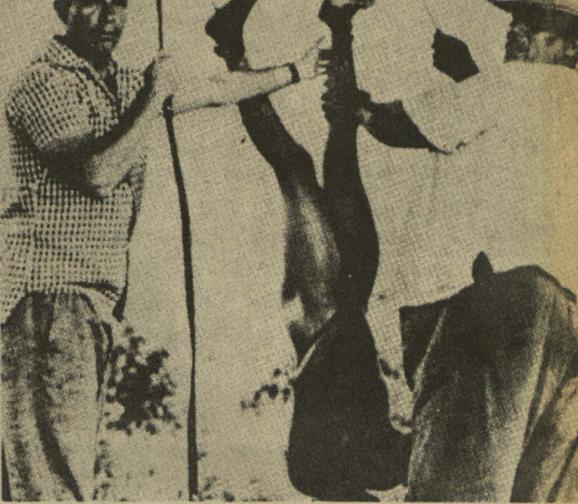
afirma que "o Brasil será uma grande nação, e não serão os índios que nos impedirão de fazer isso" (parafraseando o general Bandeira de Melo, conhecido torturador que, quando presidiu a Funai, afirmou que "o Brasil Nacional do Xingu não pode impedir o progresso do país"), até a filmagem dos pés de seus personagens - assim, aparecem os pés dos índios, utilizados ao conjunto do corpo na confecção de seus utensílios; os pés dos dementes, no hospício, contorcidos, doloridos; os pés de Ava aculturado, incomodado dos sapatos; os pés dos opressores, dos jagunços, com seus coturnos a esmagar o que pisam.

A história, no filme não tem tempo. O massacre pode ter ocorrido em 1963 - como o fato que inspirou a película - ou estar acontecendo nos dias de hoje. Também o assassinato do padre, a morte do deputado, a vingança de Ava podem ter acontecido anos atrás ou estejam acontecendo nos dias de hoje. Essa "atemporalidade" é tristemente confirmada pela dramática existência de nossos índios, ontem como hoje submetidos à opressão, exploração e genocídio pelas classes dominantes - notadamente os latifundiários e as multinacionais.

MATANÇA GENERALIZADA

talvez o mais trágico da película de Zelito Viana não esteja no próprio filme, mas no fato de que a realidade vivida pelos pioneiros habitantes destas terras foi terrivelmente mais drástica do que o denunciado nas telas de cinema. Afinal, a chacina dos Cinta-Larga, vitimou algumas dezenas de nativos. Uma pequena amostra do que ocorreu nestas terras desde que Cabral aqui aportou, nos idos de 1.500.

Calcula-se que nessa época existiam uns 5 milhões de seres "pardos, nus, sem coisa alguma



que lhes cobrisse suas vergonhas", como os descreveu Pero Vaz de Caminha em sua carta datada de 2 de abril de 1500. Atualmente, não ultrapassa 250 mil o número de sobreviventes. O contato com os brancos - na imensa maioria das vezes agentes dos latifundiários ou multinacionais - tem sido fatal para os índios. Exemplos recentes:

Os Caingang foram pacificados em 1.912. Eram 1.200 nesse ano. Em 1957 eram 87. Em 1976 um Caingang, Ângelo Cretã, foi eleito o primeiro índio vereador, pelo PMDB do Paraná; em 1980 foi assassinado a mando de latifundiários. Em 1973, 300 Kreen Akarore estabeleceram relações pacíficas com brancos. Menos de um ano depois, em janeiro de 1947, apenas 135 continuavam vivos. Em 1968, quando tomaram contato com os brancos, os Waimiri Atroari eram 6 mil. Cinco anos depois apenas 600 sobreviviam. Em 28 de outubro de 1980 seis Curumins (crianças indígenas) morreram ao beber água em Barra do Garça, Mato Grosso - o riacho da reserva que habitavam havia sido envenenado por fazendeiros.

CRIMES DO LATIFÚNDIO

Zelito Viana acerta no alvo ao responsabilizar os latifun-

diários e industriais - e não o conjunto dos "brancos - pelo genocídio dos povos naturais desta terra. Os próprios índios têm consciência disso. O Jornal Indígena, publicação da regional sul da União das Nações Indígenas, ao abordar a sua exigência pela demarcação das terras indígenas, escreve: "Os povos indígenas não estão sós na luta pela regularização da terra no Brasil. Milhões de trabalhadores que não têm um palmo de terra para o cultivo e alimentação de suas famílias estão cada vez mais organizados, estão nesta luta da mesma maneira que os índios. Nosso inimigo é o grande fazendeiro, as grandes empresas, o latifúndio. Vamos unir nossas lutas, juntos teremos a vitória".

Sensível ao problema, a classe operária brasileira também abraçou esta luta. Na sua recente Declaração Programática, o partido dos operários, PC do B, compromete-se ao respeito "a todos os grupos e tribos aborígenes, às suas terras, aos seus hábitos e costumes, aos seus idiomas, à sua cultura; organização livre e autônoma dos indígenas e direito à representação em órgãos públicos".

Uma luta inadiável a que, sem dúvida, o filme "Avaeté" vem dar uma inestimável contribuição. (Carlos Pompe)

Leia e estude o socialismo

MARX E ENGELS:
Sobre literatura e arte 15.400
Ideologia alemã 21.000
Obras escolhidas em 2 volumes cada volume 42.000
Manifesto comunista 6.000
A comuna de Paris 12.000
Sindicalismo 7.000

ENVER HOXHA:
Albânia - Aspectos generales 15.000
Albânia - 40 anos desbravando a história 6.000
Reflexões sobre a China 15.000
2 volumes - cada volume 2.000
Discurso aos eleitores 2.000

JOÃO AMAZONAS:
Revisionismo Chinês de Mao Tsetung 5.000
O trotsquismo, corrente política contra-revolucionária 1.000

Pedidos à Editora Anita Garibaldi, av. Brig. Luís Antônio, 1511, CEP 01317, São Paulo, com o envio de cheque nominal no valor da compra.



Livro conta a saga de Valdomiro

"Valdomiro Vaz Franco é uma das chuteiras imortais do futebol gaúcho e brasileiro", afirma Ibsen Pinheiro ao apresentar o livro-reportagem "Valdomiro, o único imprescindível", de Ilimar Franco. Integrante do plantel do Internacional entre 1968 e 1979 e, depois, novamente em 1982, com passagens na Seleção Brasileira, Valdomiro foi escolhido para inaugurar a coleção "Chuteiras Imortais" que a editora Redactor está lançando. O livro de Ilimar Franco é um tento na busca de resgatar um pouco da história do futebol gaúcho.

ARE PAU BRASIL
ESPAÇO ALTERNATIVO
RUA VERGUEIRO, 923 - PARAISSO - SP
(FRENTE AO CENTRO CULTURAL SP)
FONE: 279-0147 - CEP 01504
SEG. À SAB. 10 AS 23 HS.
DOM. 16 AS 23 HS.



Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

- Anual (52 edições) Cr\$ 120.000
- Anual popular (52 edições) Cr\$ 60.000
- Semestral (26 edições) Cr\$ 60.000
- Semestral (26 edições) Cr\$ 30.000
- Trimestral (13 edições) Cr\$ 15.000
- Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade: CEP:

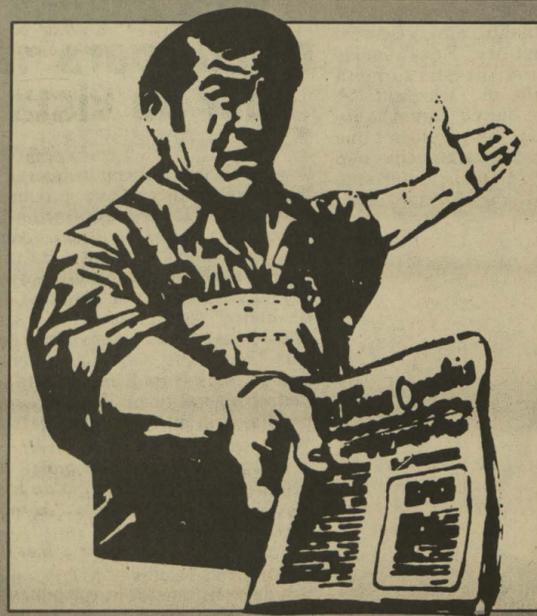
Profissão:

Data:

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi, Rua Adonir Barboza, 53, Bela Vista, São Paulo. CEP: 01314-000

Tribuna Operária

- Bela Vista** - Rua Adonir Barboza, 53 - CEP 01314-000
Bela Vista - São Paulo - CEP 01314-000
Feira de Santana - Av. Santos Dumont, 218 - Centro CEP 44100-110
Itabuna - Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar - sala 1 - Centro - CEP 45600-000
Ilheus - Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro - CEP 45600-000
Paranaíba - Av. 6-A - CEP 44000-000
Paratinga - Rua Pereira Moura, 96 - CEP 47500-000
Salvador - Rua Independência, 27 - Centro - CEP 40000-000
Simes Filho - Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimes) - CEP 43700-000
- DISTRITO FEDERAL - Brasília**
Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302-000
- CEARA** - Fortaleza - Rua Barão do Rio Branco, 1806 - CEP 60000-000
Imbuizinho - Rua Francisco de Sá, 408, 2º andar - CEP 79960-000
Sobral - Av. Dom José, 1236 - sala 1 - CEP 60710-000
- ESPIRITO SANTO** - Cachoeira de Itaipava - CEP 28200-000
Flumimense - CEP 29100-000
- GOIÁS** - Goiânia - Rua 3 - CEP 74000-000
Landrinha - Rua Siqueira, 964, sala 206, 2º andar - CEP 86100-000
- MATO GROSSO DO SUL** - Campo Grande - Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar - sala 15 - CEP 79100-000
- MINAS GERAIS** - Belo Horizonte - Rua Padre Reichert, 285 - Centro - Fone: 242-7605 - CEP 30000-000
- PARÁ** - Belém - Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000-000
- PARAIBA** - João Pessoa - Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar - sala 201 - Calçada - Centro - CEP 50000-000
Campanha - Rua Venâncio Nepomuceno, 118, 1º andar - CEP 58100-000
- PARANÁ** - Curitiba - Rua Tibagi, 428 - Fone: 234-7484 - CEP 80000-000
Landrinha - Rua Siqueira, 964, sala 206, 2º andar - CEP 86100-000
- PIAUI** - Teresina - Rua Barroco, 144 - N. 1º andar - sala 4 - CEP 64000-000
- PERNAMBUCO** - Cabo - Rua Vigiante Barreto, 236 - CEP 52000-000
Recife - Rua das Damas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55000-000
Recife - Rua do Arcebispo, 419 - Bela Vista - CEP 55000-000
- RIO GRANDE DO NORTE** - Natal - Av. Doméstico, 776 - Cidade Alta - CEP 59000-000
- RIO GRANDE DO SUL** - Porto Alegre - Rua 24 de Abril, 1204 - CEP 91000-000
- SANTA CATARINA** - Florianópolis - Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000-000
- SÃO PAULO** - Americana - Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470-000
Campinas - Rua Senador Saraceni, 448 - Fone: 26434 - CEP 13100-000
Marília - Rua Dom Pedro, 110 - CEP 17500-000
Osasco - Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26 - 2º andar - sala 2 - CEP 06000-000
São Carlos - Rua A. S. Carlos, 219 - Caixa Postal 533 - CEP 13500-000
Taubaté - Rua Antônio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100-000
São José dos Campos - Rua A. S. Carlos, 195 - 1º andar - sala 19 - CEP 12500-000
Guaruja - Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200-000
- SERGIPE** - Aracaju - Av. Rio Branco, Edifício Osório Teixeira, sala 123 - CEP 49000-000
- A TRIBUNA OPERÁRIA** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, layout e fotolito, Litografia Fontes Ltda. Fone: 279-0646. Impressão: Cia. Jorjans, fone 438-8999 - São Paulo - SP



Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore com a Campanha Nova República da T.O.

Um dia na delegacia das mulheres

Começa um dia como outros na recém-criada Delegacia de Defesa da Mulher, em São Paulo. Às 7:45 horas, dez mulheres já fazem fila diante da porta fechada: gente simples, donas-de-casa, trabalhadoras. Algumas têm hematomas visíveis, principalmente no rosto, causados por seus maridos, pais, irmãos... Não sabem ao certo o que podem conseguir, mas o nome da Delegacia diz Defesa da Mulher. E elas precisam de defesa.

Às 8 horas abre-se a sala e pouco depois a sala de espera, lotada, mais parece um pronto-socorro. Muitas trazem sinais de violência, outras apenas as marcas do medo, da incerteza, da revolta. Até às 20 horas, cerca de cem mulheres desfilarão por ali suas tragédias.

O nome da Delegacia atrai numerosas mulheres que realmente precisam de defesa: a senhora ao lado foi espancada pelo marido embriagado, com uma barra de ferro, até ficar com fraturas nos braços e pernas

Em meio a certa confusão, devida ao grande número de mulheres, as funcionárias fazem uma triagem das queixas. As vítimas registram a ocorrência e em seguida, conforme o caso, são encaminhadas às assistentes sociais ou a uma das três advogadas que assessoram a Delegacia.

As próprias policiais estão impressionadas com o sofrimento e penúria que presenciam em sua nova função. A delegada adjunta Maria Clementina de Souza - 29 anos, dos quais nove na polícia e quatro como delegada - comenta: "Nunca pensei que nossas mulheres fossem tão sofridas e surradas. Em nove anos de carreira não pude ver o que assisto aqui. Aparece de tudo, as mulheres vêm pedir tudo, discutir tudo. Mas isto é natural. Mostra que elas são sufocadas. É uma verdadeira panela de pressão e a Delegacia é uma válvula de escape".

Ela deu queixa com o olho roxo. No dia seguinte seu outro olho estava igual...

Outras policiais pensam diferente. A escrivã Cleonice Ferreira, por exemplo, não entende "por que mulheres que apanham há dez ou quinze anos só agora resolveram dar queixa dos maridos, e mesmo assim no dia seguinte vêm retirá-las".

Cleonice não parece satisfeita com o trabalho. "Isso aqui é delegacia de zica, reclama, esclarecendo que zica, na gíria policial, quer dizer zinha, mulherzinha. Acho que nossas tiras têm mais o que fazer do que ficar nesse trabalho aqui. Eu mesma tratava de furto, tráfico de drogas... Agora estou aqui, resolvendo estas brigunhas de marido e mulher", lamenta-se a escrivã.

Interrogada sobre o porquê de 70% das mulheres voltarem depois para retirar suas queixas, a escrivã Cleonice não vacila: "É por safadeza". Mas relata que Eliana Ponchio, que apareceu até na televisão com um olho roxo, denunciando que fora espancada pelo marido, voltou no dia seguinte para retirar a queixa... com hematomas também no outro olho. E admite, meio a contragosto: "Elas apanham mais e ficam com medo".

Enquanto atendem às ocorrências, as delegadas, escrivãs e investigadoras conversam entre si. Uma delas não se conforma com uma mulher que veio denunciar o marido por obrigá-la a ter relações sexuais quando ele queria. "Veja, ele trabalha, põe o dinheiro em casa - comenta - e ela acha que não tem obrigações de mulher com ele!"

Já a delegada Clementina é mais compreensiva e acha a Delegacia muito útil: "Vejo que além desses casos de violência falta também informação e orientação para as nossas mulheres. Às vezes elas só vêm aqui desabafar, chorar um pouco entre mulheres, porque não têm com quem falar em casa. Depois, vão embora. É assim mesmo."

A delegada titular, Rosmary Corrêa, tratada de "doutora Rosy" pelas demais funcionárias, diz estar surpresa com a repercussão da Delegacia. "A maioria dos casos que chegaram aqui - diz ela - são sociais. São mulheres que apesar de espancadas e ameaçadas não têm para onde ir. O mais importante

nesta delegacia é que está levantando o grave problema social existente nas famílias. Sofrem as mulheres e os filhos, geralmente também espancados, ameaçados de morte e até seviciados pelos pais. É preciso ampliar este atendimento, para que pelo menos os casos policiais sejam resolvidos" - sustenta a delegada.

São raros os casos que podem ser resolvidos imediatamente, como o de Notheburga Estima. Ela descobriu que o marido, Walter Ramos Estima, violentava a filha do casal, de apenas dois anos. Foi denunciá-lo e ele está recolhido na Casa de Detenção.

Saltou do 3º andar para não confessar um suposto caso de infidelidade

Sônia Maria Monteiro não teve a mesma "sorte". Casada há sete anos com Sérgio Monteiro, mãe de três filhos, ela quase foi morta pelo marido que insistia em obrigá-la a confessar uma suposta infidelidade. Sérgio tentou esfaqueá-la e Sônia, em desespero, saltou pela janela do terceiro andar do prédio onde moravam. Os vizinhos a socorreram e internaram no Hospital das Clínicas, com as duas pernas quebradas e aleijada para sempre. Dada a alta, ela registrou queixa na Delegacia do bairro. Mas o marido continuou exigindo uma confissão. Impedia que ela tomasse qualquer medicamento ou recebesse visitas. Por fim, tentou cegá-la com um ácido. Sônia conseguiu fugir com dois dos filhos e foi à Delegacia da Mulher para tentar reaver o terceiro, que ficou em poder do marido.

Josefa dos Santos da Silva, 33 anos, casada há sete e com uma filha também de sete anos, foi prestar queixa contra seu marido, José Pereira da Silva, que "teve um ataque de raiva". Transtornada, ela exibiu marcas de dentadas e manchas roxas por todo o corpo. Mas o que levou-a à Delegacia é que o marido também agrediu a filha da mesma forma. Josefa quer a separação legal. Depois de registrada a queixa, foi encaminhada a uma assistente social.

Pela tarde chega uma doméstica, de 34 anos, totalmente engessada e enfaiada. Vinha diretamente de um pronto-socorro municipal, na periferia leste da cidade. Seus braços e pernas haviam sido fraturados, a golpes de barra de ferro. Ela conta que apanhou do companheiro com quem vive há um ano, na favela de Heliópolis: "Ele vive embriagado e sempre que fica assim se torna violento". A vítima foi encaminhada ao Cetrem (um abrigo para migrantes e mendigos), para escapar por um tempo da violência do companheiro.

É para casos assim que a delegada Rosmary defende a criação de um albergue para mulheres. Ali poderia se abrigar, junto com a mãe, uma criança de quatro anos que foi violentada, ao que tudo indica pelo próprio pai. Em outro caso, um pai violou as quatro filhas e ainda justificou-se da seguinte forma ao depor na Delegacia: "Fui eu que pus no mundo, não vou dar para outro assim, sem mais nem menos..."

Quem é pobre vai à polícia. Rica apanha calada para não dar na vista

As policiais informam que de 70 a 80% das mulheres que procuram a Delegacia "são de classe média-baixa ou baixa". O que não quer dizer que não haja violência na alta. Basta lembrar os assassinatos de mulheres mineiras da "classe A", por "legítima defesa da honra" (os assassinos são sempre absolvidos), ou a célebre morte de Angela Diniz, que não saía das colunas sociais. Mas as mulheres da alta sociedade em geral ficam caladas, sem ir à polícia, com medo do escândalo.

A violência contra a mulher é um problema complexo. Atinge todas as classes e inclui desde a agressão física e sexual até formas mais sutis, como a propaganda, as concepções que fazem da mulher "escravos do lar", ou objetos de consumo descartáveis. Mas a criação da Delegacia de Defesa da Mulher teve, quando menos, o mérito de mostrar à luz do dia alguns dos casos mais aberrantes dessa violência cotidiana e oculta dentro de tantos lares. (Olivia Rangel, Myrtha Raetz, Sônia Maria Monteiro, Rosmary Corrêa)



Foto Yone Simidzu



Foto Myrtha Raetz

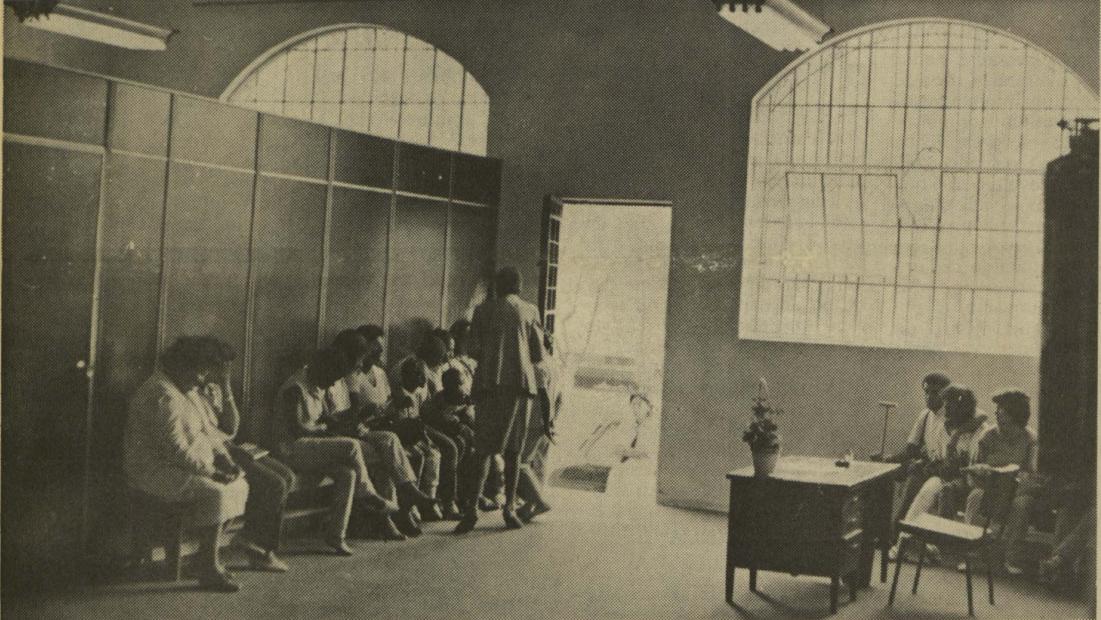


Foto Myrtha Raetz

A Delegacia de Defesa da Mulher é a primeira do gênero no Brasil e mesmo a primeira do Sul. Foi criada pela Secretaria de Segurança do governo Montoro no dia 6 de agosto, por pressão do Conselho da Condição Feminina e dos movimentos autônomos de mulheres. Seu objetivo, em princípio, é atender casos de violência física, moral ou psíquica contra a mulher - crimes de natureza sexual como espancamentos, estupro, rapto consensual, sedução - com menos constrangimentos para as vítimas.

Em três semanas de funcionamento efetivo, a Delegacia registrou cerca de 400 boletins de ocorrência e atendeu mais de 1.500 mulheres, um número muito acima do que se esperava.

"É muita propaganda para pouca delegacia" - comenta a respeito uma escrivã. É que trabalham ali apenas duas delegadas, três escrivãs, três carcereiras, cinco investigadoras e quatro assistentes sociais, sem infraestrutura suficiente para o volume de ocorrências. Uma delegacia distrital comum, em São Paulo, conta em média com sete delegados, 25 investigadores, 12 escrivãs, 25 viaturas - e ainda rádio, telex e terminal de computador.

Ocorre que apenas 1% do efetivo policial disponível no Estado de São Paulo é do sexo feminino. De outro lado, as demais delegacias passaram a enviar para a unidade recém-criada todo tipo de caso - roubos, acidentes, injúrias - bastando que envolvam mulheres.

Mas a principal razão do alto índice de procura é o alarmante volume de agressões físicas e sexuais contra mulheres na metrópole paulistana - uma amostra do que ocorre pelo Brasil afora. A cruza e brutalidade desses crimes, somada ao absoluto pouco caso com que são tratados nas delegacias comuns, justificam a existência de uma unidade policial composta apenas por mulheres, que não intimide as vítimas.

"ASSIM APANHA MAIS"

É por isto que a nova Delegacia, mesmo localizada num local de difícil acesso, sem nenhum cartaz indicativo, no prédio do Degran no Parque Dom Pedro, atende a tantos casos.

Prova disto é o testemunho de Luzia Maria do Carmo, confirmado por duas outras queixosas: "Fomos várias vezes a delegacias onde eram homens que nos atendiam. Não precisa dizer que nunca deu nada. Os delegados sempre diziam: 'É melhor você não registrar a queixa pois seu marido pode ficar com raiva e bater muito mais'."

Dentro dos limites de uma instituição policial, a Delegacia de Defesa da Mulher cumpre um papel: atenua o constrangimento das vítimas; estimula a denúncia de maus-tratos; ajuda a evidenciar o quadro da opressão da mulher hoje. Por outro lado, encaminha as queixas e formaliza processos para que os culpados possam ser punidos.



Cleonice ataca a "delegacia de zica"...

Foto Myrtha Raetz



... que para a delegada Clementina é uma "válvula de escape de pressão"

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois